



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELANI CRISTINA DA SILVA CAMPOS

LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA COMO RESISTÊNCIA À ADVERSIDADE

ARAGUAÍNA/TO

2022

ELANI CRISTINA DA SILVA CAMPOS

LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA COMO RESISTÊNCIA À ADVERSIDADE

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína para obtenção do título de Graduada, sob orientação da Profa. Dra. Eliane Cristina Testa.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Testa

ARAGUAÍNA/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

C1981 Campos, Elani Cristina da Silva.

Leitura e escrita literária como resistência à adversidade . / Elani Cristina da Silva Campos. – Araguaína, TO, 2022.

53 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2022.

Orientadora : Eliane Cristina Testa

1. Literatura. 2. Leitura e Escrita Literária. 3. Resistência. 4. Adversidade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ELANI CRISTINA DA SILVA CAMPOS

LEITURA E ESCRITA LITERÁRIA COMO RESISTÊNCIA À ADVERSIDADE

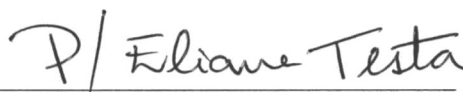
Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – *Campus* Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas foi avaliada para a obtenção do título de Graduada e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 10/02/2022.

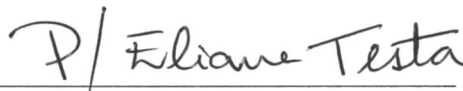
Banca examinadora:



Prof. Dra. Eliane Cristina Testa (Orientadora), UFT



Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior (Examinador), UFT



Prof. Dr. João de Deus Leite (Examinador), UFT

Dedico este trabalho aos que fazem da leitura e da escrita um meio de sobrevivência a todas as adversidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus – Ele quem me deu forças para que eu pudesse chegar até aqui. Obrigada por cada momento de provação, por cada segundo em que eu chorei e do Senhor veio o sustento e a vontade de persistir.

À minha família – obrigada por estar presente em minha vida, por compartilhar dos meus momentos, estar comigo não só nos períodos de felicidade, mas por aguentar meus surtos, minhas raivas, meus choros, eu a amo imensamente.

À Profa. Dra. Eliane Cristina Testa – que aceitou desde a minha simples ideia de escrever sobre esse tema; pela orientação cuidadosa durante o processo de escrita e de reescrita deste trabalho. Agradeço pelas suas valiosas contribuições com a pesquisa que compõe este estudo. Obrigada por ser meu exemplo de mulher empoderada, pela paciência e pela compreensão quando não conseguia entregar os rascunhos no prazo, por me incentivar a continuar escrevendo e por acreditar sempre que eu seria capaz.

Ao meu namorado – obrigada por todos os dias me apoiar e por todas às vezes que pensei em desistir me dizer o quanto sou forte, eu te amo muito.

À minha amiga – Vanessa Stephany, você é um ser precioso e de luz que me acompanhou desde o início do curso. Sempre soube de todas as dificuldades que passamos e o quanto foi doloroso chegar até aqui e, mesmo assim, termos uma à outra para dar e receber um ombro amigo, nossa amizade será mantida até o fim. Agradeço pelo seu acolhimento, pela sua disponibilidade, por suas palavras de conforto, pelo seu amor e carinho comigo.

À Milene Leite, você que sempre acreditou em mim, apoiou e ajudou quando resolvi entrar em um curso de licenciatura. Você sempre foi minha base, sua luta e persistência me fizeram perceber que o pouco que temos nos leva a muito longe.

Aos outros amigos e colegas – vocês sempre foram essenciais durante a minha vida na academia, obrigada pelos risos, pelas brigas, pelos incentivos, pelas viagens e pelos eternos momentos que guardarei sempre com muito carinho, sem vocês não seria possível continuar.

Ao Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior – que entrou há alguns anos em minha vida, mas que além de um talentoso professor se tornou um grande amigo, eu agradeço imensamente pelas suas orientações, pelos retornos, pelos puxões de orelha e por todos os nossos momentos de alegria. Obrigada por acreditar sempre no meu trabalho, você é meu exemplo de persistência, sua trajetória de vida me inspira, incentiva, e me faz acreditar que estudar sempre será a melhor escolha na vida de qualquer pessoa.

Ao Prof. Dr. João de Deus Leite – que desde o primeiro período me cativou com seu coração enorme, obrigada pelas suas aulas, pelos seus abraços carinhosos, você é meu exemplo de bondade. Você me faz acreditar que tudo que é feito com amor gera bons resultados.

Ao Prof. Dr. Luiz Roberto Furtado de Oliveira Peel – que sempre me recebeu de braços abertos e me ajudou bastante, obrigada pelas suas piadas, pelos seus adoráveis desenhos e por suas broncas que sempre eram essenciais. Você é meu exemplo de seriedade e, ao mesmo tempo, exemplo de graça, me faz ter respeito pelas pessoas e sorrir para a vida.

Aos outros professores – que foram importantes durante toda a minha formação acadêmica, tenho por todos um carinho especial, cada um com suas particularidades. Obrigada por cada aula, por cada trabalho, por tudo.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT) – por me oportunizar uma graduação no Curso de Letras. Sou grata a tudo, sempre terei um carinho pela instituição e estarei presente mesmo após terminar o curso.

À banca examinadora – obrigada por aceitar participar deste momento tão importante para mim. Suas contribuições, com certeza, serão imprescindíveis.

Com carinho e muito amor, obrigada!

Elani Cristina.

“Não quero que minha vida tenha passado em vão, como a maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas as pessoas, mesmo àquelas que jamais conheci. Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse dom, que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim!”

Anne Frank

RESUMO

Este trabalho discute e analisa como a leitura e a escrita literária implicam diferentes modos de resistência e de (re)configurações psíquicas de três personagens nas obras *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007); *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010) e *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (2019). Tem o objetivo de apresentar a importância dos diferentes processos de leitura e de escrita para a vida das adolescentes, com suas implicações subjetivas, principalmente, mediante situações de adversidades. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, qualitativo, associada a uma análise interpretativista, sustentada teoricamente em Annie Rouxel, Gérard Langlade, Neide Luzia Rezende (2013), Roger Chartier (1990), Michelè Petit (2013, 2010, 2008) e Antonio Candido (2006, 2004, 1989), que discutem acerca do poder da literatura, da leitura e da escrita, levando em consideração os contextos cheios de obstáculos que vivenciam as personagens. Como método de análise interpretativista, selecionou-se fragmentos das obras para constituir o *corpus* da pesquisa, sendo utilizados para destacar e comprovar os aspectos e modos de resistência e de (re)configurações psíquicas das personagens. Os dados levantados e analisados foram fundamentais para confirmar o poder que a literatura exerce na construção de um tipo de subjetividade (de suporte), que aponta para a sobrevivência dos sujeitos em diferentes contextos de mazelas e de dores. Por isso, neste estudo, a leitura e a escrita simbolizam transformação psíquica, perspectivando, ainda, uma força motriz para lutar pela vida e suportar as adversidades do mundo.

Palavras-Chave: Literatura. Leitura e Escrita Literária. Resistência. Adversidade.

ABSTRACT

This work discusses and analyzes how reading and literary writing imply different modes of resistance and psychic (re)configuration of three characters in *A menina que roubava livros*, by Markus Zusak (2007); *A menina que não sabia ler*, by John Harding (2010) and *O diário de Anne Frank*, by Anne Frank (2019). It aims to present the importance of the different processes of reading and writing for the lives of adolescents, with their subjective implications, mainly in situations of adversity. This is qualitative bibliographic research, associated with an interpretative analysis, theoretically supported by Annie Rouxel, Gérard Langlade, Neide Luzia Rezende (2013), Roger Chartier (1990), Michelè Petit (2013, 2010, 2008) and Antonio Candido (2006, 2004, 1989), who discuss the power of literature, reading and writing, considering the contexts full of obstacles that the characters experience. As a method of interpretive analysis, fragments of the works were selected to constitute the research corpus, being used to highlight, and prove the aspects and modes of resistance and psychic (re)configurations of the characters. The data collected and analyzed were fundamental to confirm the power that literature exerts in the construction of a type of subjectivity (support), which points to the survival of subjects in different contexts of ills and pain. Therefore, in this study, reading and writing symbolize psychic transformation, also providing a driving force to fight for life and endure the adversities of the world.

Keywords: Literature. Literary Reading and Writing. Resistance. Adversity.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	INTINERÁRIOS METODÓLOGICOS	15
2.1	O enredo de <i>A menina que roubava livros</i>, de Markus Zusak	20
2.2	O enredo de <i>O diário de Anne Frank</i>, de Anne Frank	21
2.3	O enredo de <i>A menina que não sabia ler</i>, de John Harding	23
3	A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DE RESISTÊNCIA	24
4	A SUBJETIVIDADE PRESENTE NOS MODOS DE LER E DE ESCREVER DE LIESEL MEMINGER, DE FLORENCE E DE ANNE FRANK	32
4.1	A leitura como refúgio à adversidade	34
4.2	A escrita como uma perspectiva de resistência	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado *Leitura e escrita literária como resistência à adversidade*, constrói um diálogo direto com a obra *A arte de ler ou como resistir a adversidade*, de Michèle Petit (2010). Nela, a autora apresenta a importância da leitura e da escrita em momentos de caos e de conflitos, principalmente, por meio de uma série de relatos e de projetos de leitura literária, e defende que “a ideia de que [ela] pode contribuir para o bem-estar é sem dúvida tão antiga quanto a crença de que pode ser perigosa ou nefasta” (PETIT, 2010, p. 15). Para ela, a leitura tem poderes capazes de reparar, em geral, quaisquer sofrimentos, especialmente, em contextos de adversidade, o ato de ler que pode se estender ao de escrever torna-se um símbolo de resistência e de sobrevivência, seja na vida “real” ou pelo viés da literatura, como é o caso desse trabalho.

Por isso, esse estudo tem como objetivo principal discutir a leitura e a escrita literária a partir de diferentes modos de resistência e de (re)configurações das personagens de três livros de literatura, sendo eles: 1 – *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007 [2005]); 2 – *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010) e 3 – *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (2019 [1947]), a fim de apontar a importância dos diferentes processos de leitura e de escrita e suas relações subjetivas. Destaca-se que as personagens das obras citadas são meninas/adolescentes que aparecem em meio a contextos conturbados ou de guerra.

Em *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007), a personagem principal é Liesel Meminger, uma garota nove anos, que se encontra em meio à Segunda Guerra Mundial (que acontece de 1939 a 1945), momento em que vê seus bens mais preciosos, os livros, serem queimados pelos nazistas, por isso, passa a roubá-los. Já na obra *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010), a personagem Florence, de doze anos, resiste às proibições de seu tio e passa a visitar a biblioteca de modo escondido e ali aprende a ler sozinha, a menina enfrenta todos os perigos para viver sua vida onde ela se sente livre, na biblioteca. No livro *O diário de Anne Frank*, a própria Anne Frank (2019) registra, em seu querido diário (e único amigo), o dia a dia da vida em meio à Segunda Guerra Mundial. É notória a semelhança existente entre essas três personagens: a vontade que estas jovens meninas têm de ler e de escrever. Dessa forma, percebe-se que as subjetividades presentes nessas duas ações desencadeiam diferentes autonomias, sobretudo, pensando que elas sejam um suporte para as diferentes dores da existência.

Para sustentar e justificar a pesquisa, foca-se na relevância que o tema possui para além da produção ficcional, uma vez que vai discutir questões de leitura e de escrita por meio do

impacto que estes gestos (ou ações) podem trazer a partir da subjetividade. Assim, estes dois modos de expressão podem perspectivar diferentes formas de sobreviver a momentos de adversidade. Além disso, pode-se discutir e analisar as (re)construções de uma nova identidade pelo viés da subjetividade, que organiza maneiras de resistências a contextos conflituosos. Ademais, justifica-se a escolha deste estudo por ter sido afetada em grande proporção por estas três obras literárias, porque elas revelam ao leitor como lidar com algumas adversidades, sofrimentos, diferentes conflitos psicológicos e físicos; a leitura e a escrita enquanto caminho para uma cura emocional ou um encontro que abre espaço para um novo jeito de olhar a vida e o mundo.

Nesse sentido, levanta-se a seguinte problemática: qual é a implicação da leitura e da escrita nas três obras literárias selecionadas como *corpus* do trabalho? Ao longo dessa pesquisa problematizar-se-á a questão e apontar reflexões/ideias acerca dela. Contudo, levanta-se como hipótese o fato de que em contextos cheios de obstáculos as personagens Liesel Meminger, Florence e Anne Frank só sobrevivem por causa do apego a esses dois modos de expressão, e, mesmo que a vida se esvaia entre elas, as adolescentes ensinam o poder da literatura, da leitura e da escrita, por serem capazes de acionar subjetivamente outros modos de operar com as dores e conflitos. Por isso, acredita-se que a literatura seja um modo de significar modos de resistência (ou resiliência?), que é imprescindível à sobrevivência. Então, o ato de ler e de escrever também significa um modo de expressão bastante pessoal. Assim, refletir sobre o poder da leitura e da escrita em períodos de crises, permite, sobretudo, pensar em diferentes subjetividades. Acionar esses dois mecanismos torna-se, então, um suporte na vida de pessoas que enfrentam momentos de crises.

Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica e é um estudo de caráter qualitativo e interpretativista. Metodologicamente, fez-se a leitura das três obras selecionadas como material empírico de análise e delas selecionou-se o *corpus*, recortes que comprovam como a leitura e a escrita literária oferecem subsídios às protagonistas dos romances. Em seguida, fez-se o mapeamento das personagens fictícias (cabe ressaltar que Anne Frank não é uma personagem de ficção, visto que esse livro traz fatos sobre a realidade vivida por ela em um período de sua vida). Ainda, tem-se uma análise mais profunda de cada uma das três adolescentes/personagens, principalmente, para formalizar e conduzir a construção de ideias e de discussões centrais deste estudo. Além disso, conta-se com a leitura crítica de alguns pensadores brasileiros e estrangeiros para servir de aporte teórico, sendo eles: Antonio Candido (2006; 2004; 1989), Michelè Petit (2013; 2010; 2008), Annie Rouxel, Gérard Langlade, Neide

Luzia Rezende (2013), que discorrem quanto o poder da literatura, da leitura e da escrita, levando em consideração os contextos cheios de obstáculos que vivenciam as personagens.

Além da introdução, considerações finais e referências, este trabalho está estruturado da seguinte forma: (i) Itinerários metodológicos; (ii) A literatura como representação de resistência; (iii) A subjetividade presente nos modos de ler e de escrever de Liesel Meminger, de Florence e de Anne Frank.

Em **Itinerários metodológicos**, o primeiro capítulo deste trabalho, apresenta os procedimentos metodológicos adotados neste estudo e a abordagem analítica realizada, além de uma breve síntese dos livros selecionados como *corpus* deste estudo.

O segundo capítulo, **A literatura como representação de resistência**, traz uma discussão acerca do poder da literatura, de modo especial, na vida daqueles que se encontram em contextos de adversidade. Além disso, propõe reflexões sobre leitura literária e subjetividade, perspectivando os impactos positivos da literatura na vida dos sujeitos. Ademais, discute-se a potencialidade das obras literárias postas em análise.

No terceiro capítulo, **A subjetividade presente nos modos de ler e de escrever de Liesel Meminger, de Florence e de Anne Frank**, estabelece como ponto de partida o viés da subjetividade e apresenta a análise das obras *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007), *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010) e *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (2019), explicitando os diferentes processos de leitura e de escrita das personagens. No decorrer deste capítulo, aponta-se de que modo as meninas/adolescentes superam e/ou conseguem atravessar os períodos terríveis e/ou difíceis de suas vidas, nos quais os desafios pela sobrevivência são enormes. Além disso, verifica-se a autonomia dessas personagens e o quanto elas sofrem transformações por meio da leitura e da escrita.

Por fim, deseja-se que essa pesquisa seja instigante a todas e a todos que, porventura, venham a ler este trabalho. Que as ponderações teórico-analíticas construídas, no âmbito acadêmico, de algum modo, possam sensibilizar e atentar sobre a importância da leitura e da escrita para vida.

2. INTINERÁRIOS METODÓLOGICOS

“[...] a capacidade de ler, de compreender os escritos, é como uma arte secreta, como um feitiço que nos liberta e nos prende.”
Gadamer

A metodologia é uma sistematização rigorosa de toda a ação empreendida pelo pesquisador para desenvolver, segundo a aplicação de um determinado método, um trabalho de pesquisa. Conforme afirmam Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi (2017), o método é uma:

série de regras com a finalidade de resolver determinado problema ou explicar um fato por meio de hipóteses ou teorias que devem ser testadas experimentalmente e podem ser camufladas ou refutadas. Se a hipótese for aprovada por testes, será considerada uma justificativa adequada dos fatos e aceita ou adotada para fins práticos (LAKATOS E MARCONI, 2017, p. 277).

Ressalta-se, primeiramente, que é impossível a realização de qualquer trabalho de pesquisa sem uma revisão bibliográfica. Neste trabalho, utilizou-se de um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo e interpretativista, para tanto, foram considerados, desde uma perspectiva crítica, os apontamentos de alguns pensadores brasileiros e estrangeiros contemporâneos para servir de aporte teórico. Conforme destaca João José Saraiva da Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica surge a partir da revisão de várias literaturas já publicadas, seja em livros, em artigos, em trabalhos acadêmicos, revistas etc. Fonseca (2002) salienta que esse tipo de pesquisa é realizado por meio do:

levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Desse modo, esse tipo de pesquisa tem por objetivo construir com o pesquisador contato relativo ao assunto que se pretende investigar, colaborando e contribuindo para o estudo a ser desenvolvido, além de ser um dos primeiros passos para a construção de qualquer estudo. Para Antonio Carlos Gil (2010) a pesquisa bibliográfica constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois parte da investigação pormenorizada das informações obtidas, dando ao pesquisador uma percepção gradual de compreensão dos fenômenos. Ademais, o

conhecimento das fontes bibliográficas e não bibliográfico é um fator primordial para captar os dados inerentes aos sujeitos da pesquisa. Para o estudo, a análise dos objetos partiu do *corpus* de pesquisa previamente delimitado e da utilização de fontes primárias, secundárias e terciárias, como campos de análise da informação.

Esta pesquisa é considerada qualitativa, pois não envolve quantificação de dados, mas, antes disso, propõe uma análise do fenômeno em questão. A tipologia da metodologia é definida pela forma de delineamento do estudo, cuja sua determinação deve caracterizar quais os níveis de abordagem e os seus objetivos no processo de investigação. Gil (2010) considera que a metodologia da pesquisa é um passo vital para a estruturação do estudo, de modo que a partir da definição da tipologia do método definem-se os tipos de abordagem e a natureza de investigação da pesquisa. Para esse estudo, destaca-se no escopo metodológico como uma pesquisa de natureza interpretativista. Ainda de acordo com o autor, a abordagem de uma pesquisa representa o escopo de engajamento do formato e da estruturação de um determinado estudo, ou seja, como ele se dará na fase de coleta e na apresentação dos dados.

Nesse sentido, como aponta Raquel Bahiense (2011), a pesquisa qualitativa: “[...] é entendida, por alguns autores, como uma ‘expressão genérica’. Isso significa, por um lado, que ela compreende atividades ou investigação que podem ser denominadas específicas” (BAHIENSE, 2011, p. 22, grifos do autor). De modo que são estudos de escopo de análise o formato textual, ou seja, o texto – no qual será coletado por sujeitos da pesquisa em caráter subjetivo: livros, artigos científicos e documentos de caráter histórico. A abordagem qualitativa, que, Fonseca (2002), denota de grande importância para os estudos de caráter social e histórico, permite ao pesquisador uma observação mais criteriosa dos dados a partir do levantamento de fatos e das investigações de análises. Observa-se, nessa abordagem, que o objetivo é de explicar fenômenos por meio da coleta de dados, seja com um sujeito de pesquisa objetivo ou subjetivo. A explicação dos fenômenos de uma investigação representa a fase preliminar na interpretação dos dados.

Dessa maneira, como caminhos metodológicos para essa pesquisa, fez-se i) a leitura das obras *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak (2007 [2005]), *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010) e *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank (2019 [1947]). Em seguida, ii) realizou-se um levantamento das personagens colocadas em tela de investigação neste estudo. Após esta etapa, foi apresentada uma iii) análise de cada uma das adolescentes/personagens do romance. Desse modo, o foco que conduz a construção de ideias e de discussões centrais vai partir de um método mais fenomenológico e hermenêutico caracterizado por uma análise interpretativista do contexto das obras e particularmente das

personagens em análise.

O conceito de hermenêutica interpretativista envolve um campo semântico bastante abrangente, que se enfoca ora no seu carácter instrumental, ora na sua independência e pretensão de universalidade. No entanto, de forma geral, pode-se dizer que a interpretação auxilia na compreensão de textos relacionados a determinados contextos em diversos âmbitos, e, portanto, ao sentido do mundo. A experiência hermenêutica corresponde, fundamentalmente, à interpretação da natureza do objeto, no intuito de determinar o significado das palavras ou das ações pelas quais foram expressados pensamentos, ideias ou sensações. Esta interpretação, no caso específico da literatura, torna-se fundamental, uma vez que permite identificar, de forma particular, o que se entende como a poética do autor (ARRÁEZ; CALLES; MORENO, 2006).

Ainda, a hermenêutica pode ser compreendida como a arte e a técnica de interpretação de textos, sendo que ela possui três tipos básicos, a saber: 1) a hermenêutica teológica (sagrada); 2) a hermenêutica filosófico-filológica (linguística); e 3) a hermenêutica jurídica, que estão orientados à reconstrução do sentido original do texto, independentemente, de seu teor e de seu conteúdo, pois se observa que cada tipo de hermenêutica corresponde a um determinado tipo de texto (SCHLEIERMACHER, 2000). Em seu texto sobre a história da hermenêutica, Maurizio Ferraris (2005) sugere que existem três direções associadas ao movimento em que está envolvida a busca do sentido da experiência hermenêutica. Essas três direções são primeiro: a hermenêutica, como expressão (dizer da palavra); segundo: a hermenêutica como explicação (do fenômeno); e, terceiro: a hermenêutica como tradução (da língua estrangeira). Dessa forma, observa-se que o exercício interpretativo do texto permite pensar na hermenêutica, desde um enfoque instrumental até seus diversos sentidos.

Conforme Morella Arráez, Josefina Calles e Liuval Moreno (2006), o método de interpretação hermenêutico (filológico) nasce durante o processo de compreensão do sentido autêntico dos textos antigos, portanto, é entendida como o estudo do significado de qualquer símbolo oculto detrás de algo, principalmente da palavra, tanto escrita, quanto oral, tentando minimizar a alienação da linguagem. Entende-se, portanto, que o papel da hermenêutica, no caso específico da interpretação do texto literário, é o de decifrar ou desvendar o significado que está por trás de cada palavra e, ao mesmo tempo, permitir a exegese, isto é, a explicação do fenômeno, neste caso da obra de um determinado autor, por meio da compreensão do(s) seu(s) significado(s), específicos e gerais.

Nesse contexto, a interpretação dos textos, considerados como objetos construídos, que transcendem os espaços, parte da identidade com a qual o autor pretende transmitir suas ideias, no entanto, não é suficiente apenas aquilo que está escrito, mas também é necessário considerar

a assimilação e a apreensão do pensamento que foi projetado no objeto. O texto se configura como uma estrutura que possui uma significação e que atinge certa autonomia, com integridade e plenitude de sentido, em que a interpretação dos símbolos atinge, por sua parte, uma zona de significação identificável e, ao mesmo tempo, precisa. Observa-se, neste sentido, que a própria linguagem é fonte da relatividade e, ao mesmo tempo, é indissociável do saber, pois sem a linguagem este não existiria e vice-versa (SCHLEIERMACHER, 2000).

Sob esse viés, o texto expressa-se como um objeto que é totalmente autônomo e que também se encontra em constante movimento, pois se insere em situações específicas, por meio do aproveitamento de uma diversidade de entornos possíveis, em que podem ser distinguidos inúmeros elementos fonéticos, sintáticos, semânticos, ideológicos, narrativos, culturais, etc., que são identificáveis conforme os códigos utilizados para sua codificação, garantindo o significado da mensagem (ARRÁEZ; CALLES; MORENO, 2006). Hans-Georg Gadamer (1999) e Martín Heidegger (1995) assumem uma postura a respeito da verdade e do ser, identificando à verdade como o resultado final de uma interpretação e ao ser como a espécie humana e seu entorno/contexto, de tal forma que a relação primitiva entre esses dois fenômenos, a verdade e o ser, é a linguagem, que atua como um método de construção efetiva de comunicação e, ao mesmo tempo, como uma ferramenta de manifestação dos fatos.

Nesse contexto, a hermenêutica, desde o ponto de vista fenomenológico, inicia com a análise do ser no mundo, devido ao que Heidegger (1995) afirma ser a interpretação e a compreensão modos básicos, em que o homem se posiciona no mundo. Complementado por Gadamer (1999) que o enfoque deve ser dirigido para outros pontos de vista, mais epistemológicos, linguísticos e históricos (SUAREZ, 2011). Desse modo, a hermenêutica tem dotado ao intérprete de métodos para indagar, questionar, objetar e argumentar a verdade, desde a experiência de compreender o outro, por meio do diálogo sobre o tema, que pode ocorrer entre dois indivíduos, mas também entre o intérprete e o texto (DE LA MAZA, 2005, p. 135). Sendo assim, buscar-se-á empreender um diálogo mais profundo com o texto, a partir da análise das três personagens para tentar descrever algumas situações/condições de suas particularidades que apontam para o tema central deste trabalho, que é a leitura e a escrita subjetiva.

Neste sentido, a hermenêutica filológica-filosófica exige uma relação direta entre o universal e o particular, pois depende das possibilidades que sejam abertas pela linguagem e, principalmente, das regras do procedimento interpretativo e compreensivo e do que significa exatamente interpretar e compreender (SCHLEIERMACHER, 2000). Por isso, a hermenêutica pode estar relacionada com o ato de revelação, diversificando, assim, o verbo ler e escrever com outros verbos, tais como: decodificar, dialogar, inter-relacionar, descobrir e se introduzir no

texto, no intuito de atingir um tipo de verdade, o que faz desse ato um fenômeno complicado e, ao mesmo tempo, dependente. A verdadeira forma de compreender o mundo é por meio da linguagem, situada em determinado contexto cultural, ao mesmo tempo, entendido a partir dos fatos históricos e da evolução linguística (BRIZOTTO; BERTUSSI, 2013, p. 737). Justamente, uma das características fundamentais dos textos é a mutabilidade, outorgada pelo seu próprio movimento, sendo simbólicos, dessa forma, desde a sensibilidade e a interpretação que cada sujeito lhe outorga. No caso específico deste estudo, buscar-se-á discutir a relação entre texto e contexto a partir de uma análise interpretativista, levando em consideração os amplos aspectos e fenômenos da produção textual literária.

À vista disto, nesse estudo, a análise interpretativista é tomada como um cenário particularmente pertinente para a abordagem de leitura dos textos literários selecionados como *corpus* da pesquisa, principalmente, porque permite uma expressão/representação do texto, bem como sua explicação (e/ou tradução), a depender das características do texto e do sentido que o intérprete busque no texto. Observa-se que os procedimentos de análise literária, considerados como caminhos metodológicos deste estudo, mobilizam possibilidades de compreensão e de explicação (interpretação) do fenômeno, isto é, uma mediação da experiência entre leitor e texto (JAUSS, 1979). Desta forma, o autor aponta para três momentos de compreensão próprios da ciência hermenêutica, já assinalados por Gadamer (1999), a saber: a compreensão, a interpretação e a aplicação, os quais se encontram sintetizados neste último conceito, entendido, fundamentalmente, como o nível que encerra o entendimento (BRIZOTTO; BERTUSSI, 2013, p. 745).

Ao mesmo tempo, Hans-Robert Jauss (1979) assevera que pode ser estabelecida uma dupla tarefa à hermenêutica literária, sendo que esta atua como um processo, em que são concretados o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, ao mesmo tempo, como um espaço de reconstrução do processo histórico como um todo, por meio do qual o texto é sempre recebido e interpretado de diversas formas, a depender do tempo (contexto) do leitor e, portanto, da perspectiva. Cabe apontar que a pesquisa interpretativista irá facilitar a separação de determinados elementos, principalmente sobre as três personagens selecionadas como foco dessa pesquisa, para a formação de ideias que acabem transformando o texto literário em um fenômeno compreensivo, que tenha como ponto de partida a essência transgressora da linguagem. Assim, as particularidades das personagens Liesel, Florence e Anne Frank, suas vidas, trajetórias e experiências, ganham destaque nesse estudo. Para entender tais singularidades, cabe trazer nesta pesquisa um resumo das obras selecionadas para situar o leitor deste trabalho.

2.1 O enredo de *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak

O romance *A menina que roubava livros*, do autor Markus Zusak (2009), é narrado por uma personagem muito peculiar, a Morte. Ela conta a trajetória de vida de Liesel Meminger, uma garota de nove anos que enfrenta momentos difíceis em meio à Segunda Guerra Mundial. A narrativa inicia-se com Liesel, com seu irmão e com a mãe em uma viagem de trem, partindo para *Molching*, uma cidade fictícia da Alemanha. Os dois irmãos seguiam para a casa dos seus pais adotivos, Hans e Rosa Hubermann. Durante o percurso, o garoto morre, sendo necessário interromper a viagem para que fosse feito seu enterro. Em meio ao sepultamento, Liesel vê caindo do bolso de um dos coveiros o primeiro de muitos livros que ela furtaria, *O manual do coveiro*. A garota pega o livro e guarda como uma forma de eternizar a última lembrança do irmão falecido. Em seus primeiros dias como moradora da rua *Himmel*, a garota fica muito triste e tem dificuldade de adaptar-se à nova rotina. Liesel não conseguia entender o porquê havia sido separada de sua mãe e todas as noites tinha pesadelos com a morte do irmão. Quando acordava, assustada e com medo, encontrava Hans em seu quarto, ele tentava acalmá-la. Em uma dessas noites, o pai adotivo ocasionalmente encontra o livro que Liesel tinha roubado no sepultamento. Nesse momento, ele descobre que a filha não sabia ler nem escrever e assim se oferece para ensiná-la, e os dois dão início às “aulas da meia-noite”. O vínculo estabelecido entre Hans e Liesel torna-se mais forte com esses encontros que aconteciam no porão da casa para lerem algumas páginas do livro furtado e aprender a escrever novas palavras.

Liesel começa a frequentar a escola e tinha como melhor amigo o garoto Rudy Steiner, seu vizinho. No início, é zombada pelos colegas da classe por não saber ler e nem escrever. Ela estudava pela manhã e durante o resto do dia ajudava Rosa com as atividades domésticas e serviços prestados às famílias ricas de *Molching*. Aos poucos, Liesel começa a adaptar-se à rotina e passa a participar de eventos da cidade. Certo dia, todos os alemães são convocados para festejar o aniversário do *Führer*, Hitler. Nesse mesmo dia, é feita uma fogueira para queima de livros e Liesel se vê na posição de cometer seu segundo roubo e assim o faz. No entanto, não se dá conta de que estava sendo observada por quem depois se tornaria uma grande amiga, Ilsa Hermann, esposa do prefeito. Um dia, Rosa pede que Liesel vá sozinha entregar as encomendas das famílias para quem ela trabalhava e, nessa ocasião, ela conhece a família de Fran Hermann e lá encontra a esposa do prefeito que a tinha visto furtando o livro da fogueira. Quando a Sra. Ilsa reconhece que Liesel era a roubadora de livros, convida-a para entrar em sua casa e usufruir da biblioteca que ela possuía. As duas mesmo sem terem muita conversa criam laços. Quando o prefeito descobre que a garota está frequentando a biblioteca de sua casa, dispensa os serviços

de Rosa, e Liesel fica impedida de continuar com as leituras; então, ela se afasta da casa dos Frau Hermann. Com ânsia de continuar lendo, ela decide roubar um livro da biblioteca da casa do prefeito, dando início a uma série de roubos. O tempo passa e, ela descobre que a Sra. Ilsa Hermann sempre soube dos furtos, que até facilitava sua entrada, deixando a janela aberta.

No decorrer da trama, chega à casa dos Hubermann Max Vandenburg, um judeu refugiado do regime nazista. Hans possuía uma dívida com o pai de Max e, para pagá-la, teria que escondê-lo em sua casa. Aos poucos, Liesel cria um vínculo com o judeu, e os dois começam a aprender juntos. A menina, todos os dias, descreve para Max como está o dia lá fora e dá a ele notícias sobre a guerra. No dia do aniversário de Liesel, Max pinta de branco o livro *Main Kampf*, uma obra de Hitler, e dá a ela para que possa escrever sua própria história. A guerra se intensifica e quase sempre todas as famílias da rua *Himmel* precisavam se esconder em um abrigo para se protegerem dos bombardeios. Nesse local, Liesel lia para acalmar e distrair as pessoas. Durante um desfile em que mostravam judeus prisioneiros, Hans se oferece para ajudar um idoso e acaba sendo punido. Com isso ele percebe que não é mais seguro esconder Max ali e pede que ele vá embora. Liesel sofre muito com essa separação. Rosa, vendo o sofrimento da garota, entrega a ela um segundo livro que foi escrito por Max e deixado para que ela lesse quando estivesse pronta, chamava-se “A sacudidora de palavras – Pequena coletânea de pensamentos para Liesel Meminger”. Com a propagação da guerra, Hans é aceito pelo Partido Nazista e convocado para lutar na guerra e passa algum tempo afastado de sua família, retornando tempos depois por ser considerado velho demais para lutar pelo país. Liesel continuava sua procura incessante por Max, mas sem sucesso. Os bombardeios em *Molching* continuavam e sem aviso prévio, todos na rua *Himmel* são pegos de surpresa durante à noite. Apenas Liesel sobrevive ao ataque, ela estava no porão, escrevendo a história da sua vida.

2.2 O enredo de *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank

O Diário de Anne Frank, de Anne Frank (2019), é classificado como um dos livros de fatos mais relevantes da história da Segunda Guerra Mundial. Nele são narrados os eventos do holocausto presenciados pela família Frank. São acontecimentos tristes e estarrecedores que mostram a realidade de muitos judeus na época. O romance, em forma de um diário, é escrito por Anne Frank, uma adolescente de treze anos que vive rodeada de inseguranças, medos, frustrações e desejos peculiares da puberdade. Constantemente, a garota fazia anotações da rotina do dia a dia em meio ao seu convívio familiar. Contudo, seu diário tem sua particularidade por se tratar de relatos não fictícios de dias tão fatídicos e sombrios da história.

O Diário registra em detalhes todas as atrocidades e maldades cometidas pelos alemães contra o povo judeu, no discurso da Segunda Guerra Mundial. A narrativa da adolescente é conhecida mundialmente. Anne Frank ganhou o diário em seu aniversário e nele descreve/narra fatos rotineiros e comuns a nada que fosse planejado. Anne, sua irmã, e sua mãe, Edith, veem suas vidas se transformarem, todos tiveram que fugir às pressas para que não fossem capturados pelos nazistas, se escondendo então em um Anexo Secreto na fábrica do patrão de Otto Frank, pai de Anne.

No início, apenas a família Frank tinha o anexo como esconderijo, depois chegaram ao local a família Van Daan, e logo após o dentista Dussel. Durante dois anos, todos viviam, conviviam e sobreviviam no anexo, em uma situação desumana, com escassez de comida, privados de manter a própria higiene para evitar barulhos, pois a fábrica mantinha o funcionamento durante o dia. Anne Frank tematiza com detalhes todos os acontecimentos como brigas, medos, crises de depressão. Diante da incerteza do futuro isolada do mundo exterior, Anne ainda pensava no futuro depois de tudo aquilo e aproveitou para ler, escrever. A garota sonhava com a esperança de dias melhores. Anne via no seu diário uma amiga, que chamava-a de Kitty. Para ela contava sobre os seus sentimentos e pensamentos, sentia que a escrita era um refúgio, um consolo, uma maneira de fugir da realidade. A leitura, a escrita e todo o aprendizado proporcionava a Anne uma satisfação e, apesar de tudo, ela ainda tinha esperança de sair daquele lugar após a guerra. Nos primeiros relatos de Anne a sua querida Kitty, se mostrava arrogante, egocêntrica e imatura, mas ao longo dos acontecimentos, evoluiu como mulher, filha, escritora e leitora. É notória a mudança ocorrida nas ações de Anne. Ao longo de dois anos, demonstrou ser uma garota íntegra, inteligente e compreensiva e além de tudo forte para lidar com a tristeza, medos no contexto em que vivia.

Diante da adversidade, Anne Frank almejava por dias melhores e escreveu todos os momentos considerados por ela importantes. Após a notícia que ouvira no rádio, que todos os registros escritos daquela época seriam publicados posterior à guerra, Anne mudou a direção da sua escrita. Anne sonhava em ser jornalista e escritora, ansiava pelo fim da guerra e desta maneira ser capaz de usar o seu talento para a escrita. O último registro em seu diário foi no dia 1º de agosto de 1944. Três dias depois, após uma denúncia, todos foram presos e deportados pela polícia de segurança alemã. Anne e Margot foram mandadas para um campo de concentração, em 1945, e morreram depois de contraírem tifo. Somente Otto Frank, pai das garotas, sobreviveu ao holocausto e, mais tarde, tornou o sonho de Anne realidade, publicando o seu diário.

2.3 O enredo de *A menina que não sabia ler*, de John Harding

Em *A menina que não sabia ler*, de John Harding (2010), é narrada a vida dos órfãos Florence e Giles. A trama se passa em 1891, na Nova Inglaterra, em uma velha mansão do tio dos irmãos. Os dois vivem sob os cuidados dos empregados, já que o tio é ausente. Florence é uma garota de doze anos que está sempre protegendo Giles, pois o considera um rapaz frágil. Na velha mansão, são criados pela Sra. Grouse, a governanta; Meg, a cozinheira e John, que cuida do restante dos serviços na casa. Mesmo de longe, o tio dá ordens para que Florence não estude, pois considera que as mulheres devem se dedicar apenas a aprender habilidades de uma dona de casa, enquanto Giles é mandado para estudar em um colégio interno.

Privada de ter uma alfabetização e sem a companhia do irmão, a menina passa o dia perambulando pela enorme mansão. Certo dia, explorando a casa, encontra uma biblioteca, um lugar que aparentava não ser frequentado há muito tempo. Motivada pela proibição do tio e encantada pela biblioteca, Florence decide aprender a ler por conta própria. Sozinha e com auxílio das cartilhas ela aprende a ler e passa a consumir os livros em segredo. A garota começa a criar estratégias de fuga para chegar à biblioteca, e lá realiza leituras proibidas. Ela organiza um cativado literário em um local abandonado e, lá, sente-se uma princesa em sua torre secreta. Giles é mandado de volta para casa, pois não se adaptava ao internato e começou a apresentar sérios problemas de saúde.

O tio contrata uma preceptora para que pudesse cuidar da educação do menino. Sua chegada deixa a narrativa cheia de mistérios e de suspenses, principalmente após sua morte. Outra professora é contratada, a Sra. Taylor, uma mulher severa que muda todas as regras da casa e zela pela educação de Giles. Florence considera que o cuidado excessivo da Sra. Taylor com o irmão era no intuito de fazer mal. Há desconfiças que cercam a vida de Florence, e ela não sabe se são coisas reais ou de sua imaginação por causa do seu mergulho profundo nos enredos literários. Inspirada pelas narrativas que lê, ela comete vários crimes e monta estratégias para ocultá-los.

A partir da abordagem de elementos constitutivos da hermenêutica interpretativista, pode-se dizer que a literatura assume uma representação de resistência à momentos de adversidade. São elencados aspectos que comprovam o poder da literatura como ato humanizador, visto que independentemente do período em que uma obra literária foi produzida, ela registra a visão que o homem tem do mundo, e, ao mesmo tempo, demonstra sua objetividade ao contribuir para a elucidação da própria história.

3. A LITERATURA COMO REPRESENTAÇÃO DE RESISTÊNCIA

“A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo.”

Tzvetan Todorov

A literatura é uma área que aborda muito, sobretudo, a condição humana. As obras, muitas vezes, apresentam diferentes e instigantes personagens que exprimem sensações tão próximas aos dos seres humanos, como por exemplo, a dor, e ainda toca em temas universais, como amor, vida, morte etc. Além disso, a literatura pode ser vista, como um meio de reflexão para a superação das adversidades em determinados contextos históricos, o que tem sido tema de importantes e diversas obras literárias. Em contrapartida, não raro, alguns escritores demonstram uma sensibilidade especial para entender a problemática das questões relacionadas ao ser humano e à vida. Sob esse viés, a literatura, é representada como um instrumento de criação estética, ela “é a porta de entrada e percepção de que a língua tem uma magia: a de dar forma e existência ao que sentimos e somos, ao que as relações grupais são, ao que e como o Universo é, os universos são” (TRAVAGLIA, 2011. p. 23). Ela permite, principalmente, aproximar o ser humano com sua essência que é algo inerente a todo sujeito. Nesse sentido, é possível perceber um vínculo entre a literatura como elemento humanizador que oportuniza um discernimento frente à sociedade de modo que possibilite uma maneira de resistir a situações adversas em um contexto da realidade.

Os acontecimentos históricos estão bastante presentes na literatura, pois é impossível resgatar alguma obra escrita seja no passado ou no presente, sem pensar no momento histórico em que foi escrita. Para Roger Chartier (1990), a palavra “apropriação” seria “a maneira de usar os produtos culturais” e de “reescritura”, que ocorre na diferença e nas transformações sofridas pelos textos, quando adaptados às necessidades e às expectativas do leitor. Nesse sentido, há uma apropriação dessa área do conhecimento, pois a literatura em si não é uma ação isolada. Assim, a leitura de gêneros textuais envolve muito além da decodificação de signos linguísticos, abrangendo, ainda, a sua compreensão como fenômeno social, considerando que o ato de ler pressupõe a interpretação de sentidos feita pelo leitor, sua capacidade de relacionar o que está lendo com conhecimentos prévios adquiridos, sendo uma construção de sentidos. A linguagem é um campo de interação entre os indivíduos, incorporada por inúmeros discursos sociais que ora convergem, ora divergem entre si, numa constante relação dialógica.

Neste processo dialógico, considera-se a literatura muito significativa, permitindo que o indivíduo reflita sobre os temas relacionados com as emoções do ser humano, como é o caso do enfrentamento de doenças de períodos históricos conturbados, que aparecem em algumas obras literárias, e, a partir da leitura, os sujeitos criam significados por meio do contato com o livro ou a obra em si. Os diversos gêneros textuais, sejam eles literários ou históricos, permitem a elaboração de um retrato da realidade. Com base nas suas interpretações, possibilitam reformular a maneira de representar a sua realidade, construir novos pensamentos e maneiras de ver o mundo, ressignificando a sua existência.

De acordo com Chartier (1990), a definição de representação é entendida como um “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma ‘imagem’ capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é” (CHARTIER, 1990, p. 20, grifos do autor). Desse modo, a memória (seja ela coletiva e/ou individual) sempre estará presente nas representações literárias para engendrar figurações. Ademais, a literatura é um instrumento que permite o despertar de inúmeros sentimentos e desejos nos seres humanos, tanto que existem diversos estudos acerca de sua importância e da arte poética na vida do homem. Compreender o poder da literatura é essencial, uma vez que ela é a porta de entrada e de saída de muitos indivíduos. Conforme afirma Tzvetan Todorov (2020):

a literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cerca, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário (TORODOV, 2020, p. 76).

Ainda que a literatura (ou a arte poética) tenha relação ao que é agradável ou prazeroso ao ser humano, ou que ela seja associada à imaginação e à criatividade, é importante enfatizar um elemento fundamental que a define: o contexto tanto histórico quanto social em que o produtor se encontra inserido e do qual carrega suas impressões. Essa conexão com a realidade é o que concebe a transformação de um texto literário em um documento que permite o estudo da história, da sociologia, da educação e da sociedade como um todo.

Apesar da associação com a realidade, a literatura não deve ser vista como uma reprodução da “realidade” (antes, pode-se pensar numa transfiguração desta), pois sua linguagem distingue-se da fala do uso do dia a dia (mais banalizada, desgastada ou empobrecida). Sendo assim, a linguagem usualmente utilizada na literatura mantém um caráter

mais poético e/ou musical (as palavras parecem sempre apresentar um ritmo bem mais elaborado/pensado, de modo especial, parece estar mais apta para “fisar” os ouvidos da/do leitora/leitor). Para Dominick Lacapra (1985), a literatura converge com aquilo que faz parte da realidade, visto que há nos textos uma troca dialógica com um passado (e/ou presente), procurando, muito além de uma visão apenas documental para considerar outras questões que não são palpáveis. A partir da leitura de um livro, por exemplo, é possível determinar uma reflexão com o passado (e/ou presente), que vai muito além de respostas para os problemas do mundo/da vida, mas esta reflexão acaba também por permitir uma aproximação (por meio da capacidade de se colocar no lugar do outro) à empatia. Candido (1989) considera que:

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1989, p. 113).

Assim, como defende o autor, pode-se viver “dialeticamente” os problemas (sejam de ordem social ou psíquica). Por isso, os efeitos do contato com a literatura são perceptíveis, vê-se, principalmente, pelos inúmeros benefícios que ela traz “concretamente” para os sujeitos. Vale lembrar que uma educação pela literatura pode acontecer de maneira bastante abrangente, visto que uma “simples” leitura de uma obra literária (que está repleta de significados) abre-se a múltiplos sentidos.

A leitura de textos de caráter literário possui a sutileza de provocar sensações nos sujeitos, sendo representadas por histórias que recriam a realidade e, algumas vezes, proporcionam acontecimentos ligados à fantasia, que é tão necessária para a vida humana. Desta forma, o ato de ler implica a capacidade de refletir e/ou de aprender por meio de comparações, de distanciamentos ou de associações, e a imaginação é sempre projetada por meio da leitura. Por isso, a leitura de textos artísticos ou literários coloca o ser humano em contato com suas subjetividades, e como sujeitos que possuem sentimentos (uma grande carga psíquica está em jogo na leitura literária). Assim, os sujeitos são atingidos, sobretudo, pela palavra escrita/oral, repletas de metáforas, de figuras de linguagens etc., e isso torna a linguagem literária mais agradável esteticamente para atingir leitoras e leitores, de modo a impactá-las/os e permitir que façam reflexões acerca das suas realidades e dos diversos sentimentos que podem ajudar a torná-los de fato, mais humanos. Neste sentido, Candido (2006) faz uma afirmação muito pertinente com relação à literatura e aponta que:

a arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CANDIDO, 2006, p. 62).

Portanto, é por meio da leitura que se pode ter um olhar mais apurado sobre as questões que fazem parte da vida, mas também é ela que pode permitir o desenvolvimento e/ou um aprofundamento das percepções humanas e dos diferentes sentimentos que habitam no homem. Partindo deste princípio, a literatura torna-se um meio necessário para a humanização. Além de representar um povo, uma cultura etc. Por isso, a literatura é de extrema valia para a educação humana, permitindo aprimorar até mesmo uma personalidade e ajudar na compreensão de si mesmo, como sujeito.

Para Candido (2004), a literatura age no ser humano porque é uma forma de conhecimento e faz isso até mesmo como uma incorporação difusa e inconsciente. Ao considerar a literatura como um meio para a aprendizagem, ela em si torna-se um objeto humanizador. Ainda, para o autor, o trabalho de agregar valor no desenvolvimento psicológico do sujeito acontece, porque “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 180). Ou seja, a literatura propicia um papel social e psíquico na formação dos sujeitos, uma vez que tem por característica exercer um papel humanizador. Ao afirmar que a literatura é humanizadora, Candido (2004) a concebe enquanto:

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 180).

Nesse sentido, a literatura é um meio efetivo para promover a empatia e para se conseguir lidar melhor com diferentes percepções que podem aterrorizar/paralisar, e que são comuns a todos os seres humanos. Assim, a inserção de livros, obras ou textos de caráter literário no âmbito educacional das escolas são de grande relevância, visto que o contato com esses assuntos permite uma reflexão mais aprofundada sobre os sentimentos universais da humanidade. Como atesta Candido (2004a):

pode ser uma aquisição consciente de noções, emoções, sugestões, inculcamentos, mas na maior parte se processa nas camadas do subconsciente e do inconsciente,

incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar. As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo (CANDIDO, 2004a, p. 172).

Assim, como explicita o autor, a literatura pode proporcionar além do aprimoramento da empatia, o enriquecimento da visão de mundo e da capacidade de transformar a realidade. Como se pode observar nas três obras literárias que compõem este estudo, a literatura passa a ser um “curare”, uma forma de resistência (ou uma forma de resiliência, ou, ainda, vista sob o viés de uma “ação” positiva à favor da vida), ou uma possibilidade de (re)existência, ou um direito destas três meninas de sonhar, de protagonizar deslocamentos à favor das suas subjetividades, dos espaços afetivos que elas engendram em suas vidas. No prefácio à obra *Rumores Discretos da Subjetividade: sujeito e escritura em processo*, de Rosane Preciosa (2010), Peter Pál Pelbart afirma que escrever é uma forma de:

se desintoxicar, sucatear ideias, muitas vezes, entrar numa fria e malograr. Para aprender a tensionar o discurso e desmanchar-se em lágrimas, sem que o gesto pareça sentimental. Para abandonar o hábito de ser. Para escorchar a pele e com ela confeccionar um manto de memórias editáveis etc. (PRECIOSA, 2010, p. 13).

Nesse sentido, a escrita abre muitas camadas afetivas e psíquicas para o ser humano. E as meninas protagonistas das obras postas em análise podem se enquadrar nessas esferas emotivas e subjetivas. Por exemplo, Frank (2019) confessa: “Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito” (FRANK, 2019, p. 18). Já Florence (que buscou aprender a ler e a escrever sozinha em uma biblioteca) desabafa: “eu me enfiava na biblioteca, enterrando-me naquele coração frio que mais e mais se transformava em meu verdadeiro lar” (HARDING, 2010, p. 23). Também, Meminger “a menina que roubava livros queria desesperadamente voltar para o porão, escrever ou ler sua história até o fim, uma última vez” (ZUSAK, 2007, p. 18). Todas as meninas-personagens fazem confissões da necessidade da escrita e da leitura literária. Para elas, estes dois modos de comunicação eram sobrevivência e resistência às adversidades.

Petit (2010) é convidativa ao dizer: “pensemos no papel que a leitura ou a recordação de textos lidos desempenharam para tantos deportados nos campos de concentração nazistas, ou para os que resistiram ao degredo stalinista” (PETIT, 2010, p. 15). Em tal contexto, as experiências com a escrita e/ou com a leitura literária podem ser transformadoras na vida do ser humano, E, em tempos de grandes crises, a leitura literária e a escrita também podem restaurar e reconstruir pessoas, que, por diversos motivos, perderam o sentido da vida. Como defende

Petit (2010), a literatura “nutre a vida”. Por isso, ela pode se tornar um instrumento de poder, de resistência, com possibilidades de afirmação à vida. Ou seja, é preciso compreender as propriedades e os poderes reparadores da literatura na humanidade.

A leitura de um texto literário é realizada por sujeitos que possuem suas particularidades, mas a subjetividade nem sempre é vista com bons olhos no âmbito escolar. As causas dessa banalização da subjetividade podem ter razões diversas, entretanto, uma das principais é a questão científica que prova questionamentos, como por exemplo, “como observar o surgimento da subjetividade, como circunscrevê-la? Como Determinar seu papel nos processos heurísticos? O que as experiências de leituras subjetivas podem ensinar sobre esse leitor empírico?” (ROUXEL; LANGLADE; REZENDE, 2013, p. 21). Nesse sentido, os autores argumentam que responder a essas questões não é algo fácil, sendo de certa forma um desafio para o ensino da literatura.

Faz-se necessário entender que o ato de ler, sobretudo, no que se refere a textos em linguagem verbal, pode ser primeiramente definido como uma ação em que o sistema neurofisiológico assimila as informações visuais e estabelece um sentido, de acordo com a memória e o reconhecimento de signos, que, de maneira organizada, permitem que sejam aprendidas novas informações, mas dessa vez sendo reconhecidas como processos cognitivos.

Assim, é dessa forma que se torna possível visualizar palavras em um texto, que se realizam por meio de processos neurofisiológicos. A compreensão de textos envolve tais processos cognitivos múltiplos, justificando assim o nome de “faculdade que era dado ao conjunto de processos, atividades, recursos e estratégias mentais próprios do ato de compreender” (KLEIMAN, 1997, p. 9). Nesse sentido, compreender um texto, seja literário ou de qualquer outro gênero é algo muito particular de cada sujeito.

Por isso, diante desse fato, o papel do professor (enquanto mediador no processo de leitura) contribui para criar as oportunidades necessárias que possibilitem o desenvolvimento dos processos cognitivos, na medida em que essas oportunidades apresentadas poderão ser melhores trabalhadas se houver um maior entendimento com relação a esses processos na medida em que estes sejam mais conhecidos.

Partindo dessa perspectiva, Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2011) pontuam que “há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação” (KOCH; ELIAS, 2011, p. 11). Dessa forma, a compreensão de método de leitura presume que existe uma concepção interacional (dialógica) da língua, sendo que os sujeitos são admitidos como capazes de construir, em um contexto social, indivíduos ativos que por meio

de uma relação dialógica constroem e são construídos no texto, visto que o ato de ler é em si um espaço de interação. Considera-se, a seguir, o que defende Koch e Elias (2011), ao dizerem que:

o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realizam evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2011, p. 11).

Assim, fica evidente que o entendimento adotado, no que se refere à língua e linguagem como sendo algo sociocognitivo-interacional, ou seja, a língua favorece os sujeitos e seus conhecimentos em situações em que há interação. O texto é concebido como um espaço de interação, cujos sentidos não estão explícitos, mas são construídos, considerando, dessa forma, a relação das ideias textuais que são compostas pelo autor de um texto com os conhecimentos prévios que o leitor já possui que, no ato de ler, assume o lugar do sujeito. Nessa perspectiva, Mikhail Bakhtin (2003) postula que toda compreensão é prenhe de resposta. A compreensão responsiva nada mais é que a fase inicial e preparatória para uma resposta.

Então, é possível perceber que para que haja a compreensão de um texto é necessário que sejam utilizados alguns conhecimentos: o prévio, o estruturado, os objetivos da leitura, a materialização linguística e a coesão e a coerência. É por meio desse resgate de conhecimentos que se torna possível a construção de sentido em um texto, que, de maneira ativa e interativa, permitem que o leitor compreenda o que está lendo. Segundo Ângela Kleiman (1997), “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto mais fácil será sua compreensão” (KLEIMAN, 1997, p. 20).

Considerando os inúmeros processos que são desempenhados no ato de ler e de escrever e, acima de tudo, de compreender um texto, a literatura assume um papel capaz de transformar a realidade do leitor e do escritor e melhor prepará-lo para enfrentar as adversidades da vida. Nesse sentido, o embate entre a leitura, a escrita realizada e o contraste com o contexto da realidade vivida pelo leitor/escritor permitem pensar de maneira crítica sobre sua realidade e promover ações de mudanças sobre ela.

Uma obra literária possui o poder de humanização e de superação de questões problemática: “o processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo” (CANDIDO, 2004, p. 6). Esse processo acontece na medida em que a literatura

permite propiciar ao leitor uma porta de entrada para a fantasia, deparando-se com situações que não reais e que provocam o leitor a se posicionar intelectualmente. Ainda, mesmo que os acontecimentos retratados em uma obra literária sejam acontecimentos muito distintos do que o leitor vive na sua realidade, isso faz com que ele reflita sobre o seu cotidiano e possa ter um contato com novas experiências. É por meio da leitura que o leitor se aproxima das diversas culturas, estimulando a compreender seu papel como sujeito histórico.

Assim, pode-se apontar e destacar alguns dos inúmeros benefícios que a literatura faz emergir nos sujeitos, que, assim, o permitem-no, além do reconhecimento do outro (alteridade), lidar melhor com as mazelas da sociedade, o que incluiu as suas próprias. Por isso, a literatura tem um forte papel social, psicológico e simbólico. Todo mundo em algum momento de sua vida necessita da fantasia. Desta forma, a literatura vem suprir muitas necessidades da vida psíquica, alimentando amplamente o corpo (na ideia de uma união de corpo-alma).

4. A SUBJETIVIDADE PRESENTE NOS MODOS DE LER E DE ESCREVER DE LIESEL MEMINGER, DE FLORENCE E DE ANNE FRANK

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Paulo Freire

“Sou uma mulher que escreve porque, para mim, escrever é como respirar, faço para sobreviver.”

Clarice Lispector

Sabe-se que os modos de ler e de escrever são experiências que abarcam traços da subjetividade constitutiva de cada ser humano. A leitura literária pode possibilitar ao homem uma (re)construção de si mesmo. Como afirma Michèle Petit (2010), “para além [de] situações extremas, a contribuição da leitura para a reconstrução de uma pessoa [e] toda perda que afeta a representação de si mesmo e do sentido da vida – é uma experiência corrente” (PETIT, 2010, p. 17). Dessa maneira, a leitura e a escrita literária podem fazer parte do processo de reconstrução subjetivo de uma pessoa. O hábito da leitura e da escrita pode significar uma ação reparadora, principalmente, em ambientes conturbados, conflituosos, pois desencadeia uma “contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma” (PETIT, 2010, p. 22), isto é, o ato de ler e de escrever torna a experiência com a literatura algo muito significativo na vida do ser humano.

Para que haja um envolvimento maior com a literatura, cabe aos sujeitos uma proximidade mais profunda e afetiva com as obras literárias, podendo, assim, suscitar uma vivência de sentimentos e de memórias diversas. Por isso, deve-se considerar um repertório prévio de leituras de obras ou de experiências reais que consigam relacionar o universo ficcional ao real. O contato entre o leitor, o texto e o autor desencadeiam relações entre ficção e realidade, que de acordo com Petit (2010) “abrem para um novo horizonte e tempos de devaneio que permitem a construção de um mundo interior, um espaço psíquico, além de sustentar um processo de autonomização, a construção de uma posição do sujeito” (PETIT, 2010, p. 32). Por isso, toda leitura e escrita faz emergir uma posição do sujeito.

Segundo Annie Rouxel, Gérard Langlade e Neide Luzia Rezende (2013), ao evidenciar as marcas pessoais, implícitas na experiência da leitura e da escrita, as práticas pedagógicas desde tempos mais antigos até a universidade possibilitam a aproximação dos leitores e dos escritores com o texto em si e, da mesma forma, permite ser vista como fonte no ensino e de conteúdo dos currículos, sem infringir o direito do texto ou o do leitor. Para Regina Zilberman

(1989), há uma característica inovadora trazida por Hans Robert Jauss¹ ao ser mudado o foco para o leitor, a quem o texto literário é destinado, sendo nesse sentido o ator principal, passando a obra em si a conter novos sentidos. Zilberman (1989) salienta que:

a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss designa seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social (ZILBERMAN, 1989, p. 10-11)

A autora evidencia que o foco passa a ser o leitor e esse passa a ter uma participação ativa no ato da leitura, auxiliando na construção de sentidos do texto. Por isso, o leitor(a) não deve se atentar, apenas, aos aspectos do período histórico da obra, ou seja, época em que foi produzida, sua função social e sua ação no tempo.

Os modos de ler e de escrever que definem uma construção de personalidade em cada sujeito, e, logo após, exprimem a proporção entre o texto e a sua identidade pessoal, perpassando, assim, uma troca contínua entre o leitor, o escritor e o texto literário. Diante dessa constante interação, há um embate das representações do leitor e do escritor sobre múltiplos meios, que são a ficção, a linguagem e a realidade.

Segundo Leonardo Pinto de Almeida (2007), “o escritor e o leitor estariam ligados às experiências totais do escrever e do ler, sendo produtos do encontro com a experiência literária” (ALMEIDA, 2007, p. 10). O autor afirma que:

a experiência literária seria um produto deste encontro em que o escritor e o leitor são convidados a entrarem em um espaço de ressonância, onde elementos subjetivos e de sentido se confrontam com as forças atuantes no espaço aberto pela literatura. Ambos se encontram comprometidos totalmente com a experiência. O espaço literário produz alguns paradoxos, e o principal deles estaria no fato de que ambos, leitor e escritor, doam e recebem sua existência pelo e através do encontro com a obra. Eles não preexistem à obra e tampouco subsistem a ela. Daí esta noção de que a experiência literária – como experiência do fora – seria uma experiência total (ALMEIDA, 2007, p. 10).

Nesse sentido, é a partir destas experiências totais que a subjetividade presente no ato de ler e de escrever vão sendo constituídas e ganhando significados, ou seja, os modos como a leitura e a escrita são inseridas em determinados contextos tornam-se peculiares e as configuram a partir de uma experiência própria a cada sujeito. A partir disso, este trabalho propõe uma análise das três obras considerando dois aspectos, a saber: (i) A leitura como refúgio à adversidade e (ii) A escrita como uma perspectiva de resistência. Ambos discorrem sobre as

¹ Foi um escritor e crítico literário alemão. Teórico da estética da recepção.

subjetividades existentes na vida das adolescentes Meminger, Florence e Frank, e como elas enfrentam os períodos de crises e de caos, com o auxílio da leitura e da escrita.

4.1 A leitura como refúgio à adversidade

As práticas de leituras literárias se modificaram e ganharam um espaço considerável na sociedade ao longo dos tempos. No entanto, nem sempre esse pensamento foi compartilhado em alguns momentos da história. De acordo com Petit (2013), essa prática de “‘promover a leitura’ é uma ideia recente [e] durante muito tempo, em diversos países, a preocupação se voltou principalmente para os perigos que uma ampla difusão da leitura poderia acarretar” (PETIT, 2013, p. 21). Esse repúdio ao hábito da leitura literária, considerada como um ato nefasto, e, até mesmo restrito, passou por um processo de desenvolvimento que permitiu ao homem ter uma visão mais plena do mundo.

Esse pressuposto de perigo ocasionado pelo hábito de ler em períodos anteriores passava-se “não [...] apenas no momento de desarranjos internos”, mas também “em crises que [afetavam] simultaneamente um grande número de pessoas” (PETIT, 2010, p. 18). A exemplo disso, cita-se o período da Segunda Guerra Mundial, em que a leitura era totalmente proibida ao povo judeu. Petit (2010) assinala que “em muitos lugares, a Segunda Guerra Mundial suscitou igualmente um forte aumento das práticas da leitura, fato testemunhado por muitas pessoas” (PETIT, 2010, p. 19).

A leitura literária fez (e faz ainda) parte de processos históricos em contextos de guerra e de momentos de grandes tragédias humanas. Também pode-se constatar a presença da literatura mesmo em ambientes e/ou em sociedades ditatoriais; ler e escrever às escondidas, ainda pagar com a própria vida ao ser pego lendo e/ou escrevendo literatura, acusada(o) de subversão. O fato é que os grandes períodos de crise podem acarretar um aumento significativo no gosto (ou na busca) pela leitura e pela escrita. Nesse contexto, as personagens Liesel e Florence também recorrem à leitura literária (ou à escrita), como um meio de superar as dificuldades e de aliviar seus sofrimentos. De acordo com René Kaës, citado por Petit (2010), “uma crise libera, ao mesmo tempo, forças de morte e forças de regeneração” (KAËS *apud* PETIT, 2010, p. 21). Para as duas personagens-adolescentes, o contexto de crise ou de guerra libertou uma vontade intensa de regeneração e de (re)construção.

No âmbito deste ambiente de caos que se passa a história de Liesel Meminger, uma adolescente frágil, que passou por tantos sofrimentos causados pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A garota encontra nas palavras um refúgio, a sua relação com os livros são

aspectos que contribuíram de modo significativo para seu crescimento pessoal e para o alívio das dores que sofrera no decorrer da história. A leitura, para ela, torna-se um modo de ocupar os vazios existentes e de enxergar o mundo à sua volta, encontrando nas palavras uma forma de dar significado à vida. Ela descreve que “quando viesse a escrever a sua história ela se perguntaria exatamente quando os livros e as palavras haviam começado a significar não apenas alguma coisa, mas tudo” (ZUSAK, 2009, p. 31). Em um primeiro momento, a leitura para a protagonista de Zusak (2009) ocorre como uma maneira de reviver e de recordar os momentos que tivera com a mãe e com o irmão e declara que a “questão é que o assunto do livro não tinha mesmo importância. O mais importante era o que ele significava [...] 1. A última vez que ela vira o irmão. 2. A última vez que ela vira a mãe” (ZUSAK, 2010, p. 38). Nesses fragmentos, tem-se o destaque para a perda, ou sentimento de perda. De acordo com Petit (2010):

o gosto pela leitura deriva, em grande medida, dessas intersubjetividades e deve muito à voz. Se nenhuma receita garante que a criança lerá, a capacidade de estabelecer com os livros uma relação afetiva, emotiva e sensorial, e não simplesmente cognitiva, parece ser de fato decisiva (PETIT, 2010, p. 58).

A autora chama a atenção para as relações afetivas dos livros. Liesel estabelece com os livros a função de tornar viva a memória que tinha da mãe e do irmão, possibilitando surgir, nessa busca pela sobrevivência, uma voz materna antes mesmo de encontrar-se com as palavras. Também é Petit (2013) que afirma que: “a leitura [...] tem a ver com a experiência da falta e da perda. Quando a pessoa pretende negar a perda, evita a literatura. Ou procura dominá-la” (PETIT, 2013, p. 37).

De fato, Liesel buscou dominá-la. A leitura para a protagonista ocorre em contexto de perda, seja de familiares, seja de sua liberdade. Nesse sentido, para essa personagem, o mundo descoberto com a prática da leitura é “um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio, um espaço íntimo, privado [que] permite elaborar ‘um quarto para si mesmo’ [...] inclusive em contextos onde nenhum espaço pessoal parece ter sobrado” (PETIT, 2013, p. 41). A seguir, destaca-se um trecho em que a personagem demonstra a importância dos livros em sua vida. Ela descreve que:

possuía quatorze livros, mas via sua história como predominantemente composta por dez deles. Desses dez, seis foram roubados, um apareceu na mesa da cozinha, dois foram feitos para ela por um judeu escondido e um outro foi entregue por uma tarde suave, vestida de amarelo (ZUSAK, 2010, p. 31).

Nessa mesma perspectiva, pode se fazer menção à personagem Florence da obra *A menina que não sabia ler* de John Harding (2010). Privada dos estudos pelo próprio tio, a adolescente aprende a ler sozinha durante suas idas clandestinas à biblioteca da casa em que morava. Para a protagonista dessa trama que tem sua educação desassistida pelo seu tutor, o contato com a leitura passa a ser um fator determinante em seu processo de aprendizagem. Florence relata o seu lento processo de aprendizagem e descreve a dificuldade de aprender a ler sozinha, conforme lê-se no excerto a seguir:

lentamente, e com muita dificuldade, aprendi a ler sozinha. Ficava na cozinha e roubava letras de John enquanto ele estava lendo o jornal. Apontava para um “s” ou um “b” e perguntava a ele qual era o som. Um dia na biblioteca, tive a sorte de encontrar uma cartilha de criança e, a partir daí e daqui e dali, acabei decifrando o código. (HARDING, 2010, p. 14).

Nesse contexto, a privação de uma alfabetização formal motivou a personagem Florence a ler e a dominar os códigos da escrita. Seu imenso desejo de compreender e de decifrar as palavras, os códigos da língua, promove uma vontade de se aventurar às escondidas na biblioteca. Ali, Florence tinha os livros a seu favor e todo seu conhecimento vinha desse acesso a eles. Conforme afirma Petit (2010):

para quem o acesso à cultura, ao conhecimento, à informação constitui um direito excessivamente desprezado [...] a apropriação da literatura [...] lhe parece desejável por vários motivos [...] porque quando aí se penetra, torna-se mais hábil no uso da língua; conquista-se uma inteligência mais sutil, mais crítica; e também torna-se mais capaz de explorar a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos (PETIT, 2010, p. 28-29).

Dessa maneira, a autora enfatiza que a apropriação da literatura, conseqüentemente, da leitura literária proporciona e explora habilidades humanas. Vê-se que a sensibilidade de Florence em relação à leitura permite que ela tenha uma experiência individual sensível e crítica, fornecendo subsídios para dar sentido à sua vida, fazendo-a planejar até mesmo seu futuro profissional, pois a personagem afirma o seguinte “quando crescer e tornar-me escritora, e sei que me tornarei, pretendo *shakespearear* algumas palavras. E já estou praticando” (HARDING, 2010, p. 16).

Com muita determinação, Florence aprimorou-se cada vez mais do universo da leitura, trazendo um significado maior para o seu mundo, e comenta: “li em algum lugar que o tédio gera grandes ideias e assim foi comigo” (HARDING, 2010, p. 31). Por isso, a jovem compreendia os usos sociais da prática de leitura e descreve que “sabia pelas minhas leituras [...] não demorou muito para que torna-se letrada” (HARDING, 2010, p. 20). Florence possuía

grande apreço pela leitura e atribuía aos livros grande valor. Seriam eles sua sustentação e complementa que “armada com alguns livros, [estaria] pronta para uma tarde de leitura” (HARDING, 2010, p. 31).

Quanto ao mesmo aspecto, pode-se fazer também analisar a personagem Liesel. O ensino dos códigos da escrita e da leitura para a garota acontece em meio a contextos inusitados, diferentemente de Florence, a protagonista de Zusak (2010), tem um mediador de leitura, seu pai adotivo, Hans Hurberrmann. Para Liesel, o pai teve um papel fundamental na sua formação leitora, mesmo dentro de suas limitações de formação, conforme vê-se Liesel apontar no fragmento a seguir, “talvez você não imagine [...], mas não foi tanto a escola que me ajudou a ler. Foi papai” (ZUSAK, 2010, p. 59). Assim, a família entra no processo de formação leitora de Liesel. De modo geral, a família representa um importante papel na formação leitora dos sujeitos, juntamente com a escola, a sociedade etc.

Percebe-se que este processo de “reorientação pelo outro [...] permite dar, aos poucos, sentido e forma ao que vivencia, construir um significado e encaminhar-se para a linguagem verbal” (PETIT, 2010, p. 52). Pode-se apontar que, sem a mediação de leitura do pai, Liesel teria dificuldades em seu processo de alfabetização, uma vez que, na escola, a garota sofria preconceitos por parte dos colegas, conforme se lê no excerto a seguir: “a escola, como você pode imaginar, foi um fracasso terrível. [...] Depois, eles descobriram que a menina não sabia ler nem escrever. De modo humilhante, ela foi jogada com as crianças menores, que mal começavam a aprender o alfabeto” (ZUSAK, 2010, p. 39). Sendo assim, tem-se que considerar a escola como um local de formação importantíssimo para a vida dos sujeitos. Contudo, a escola também tem as suas falhas, especialmente, porque tudo que ocorre na sociedade também reflete na escola e vice-versa.

Os momentos de leitura entre Hans e Liesel tomaram tamanha proporção, que todas as noites, tinham um encontro marcado, era a chamada “aula da meia-noite”. E, mesmo depois de começar a frequentar a escola, o pai continuou a ajudá-la com as leituras. Ainda que não fosse uma boa aluna na escola pelo seu grau de dificuldade, nas aulas da meia-noite, notava-se o grande avanço da garota:

e gostava de fato de que, apesar do fracasso na sala de aulas, sua leitura e sua escrita vinham tendo uma melhora decisiva e logo estariam à beira de alguma coisa respeitável. Tudo isso resultava pelo menos numa certa forma de contentamento, e em pouco tempo se erigia em algo próximo do conceito de *Ser Feliz* (ZUSAK, 2010, p. 77, grifos do autor).

No fragmento, observa-se que a leitura e a escrita só ganham forças com a motivação e com o auxílio do pai; com afeto e com emoção, Liesel cresce consideravelmente em seu processo escolar e isso trazia um contentamento imenso à menina. Ela mesma dizia que estava próxima ao “conceito de *Ser Feliz*”.

Ressalta-se ainda que os espaços que acontecem as leituras na vida das pessoas podem ser transformadores, uma vez que “a leitura é uma via de acesso privilegiada a esse território íntimo que ajuda a elaborar ou a manter o sentimento de individualidade, ao qual se liga a capacidade de resistir às adversidades” (PETIT, 2013, p. 67). Para Florence, foi durante uma brincadeira com seu irmão que ela descobriu seu “imenso tesouro de palavras”, a biblioteca da mansão em que residia. Ela relata a experiência do seu encontro com as palavras, como sendo fruto da sua exploração da seguinte maneira:

quando abri uma porta estranha, uma que até então sempre estivera trancada – ou assim pensava eu [...] descobri esse imenso tesouro de palavras [...] fui de prateleira em prateleira, pegando um livro atrás do outro, espirrando com a poeira ao abrir cada um deles. Claro que eu não sabia ler, mas por algum motivo isso me deixava mais maravilhada, todos os milhares – acho que milhões – de linhas codificadas com impressão indecifrável. Muitos livros eram ilustrados, com xilogravuras e gravuras coloridas, citações frustrantes logo abaixo, cada uma delas mostrando a miserável impotência do tracejar dos dedos (HARDING, 2010, p. 13).

Desse modo, a biblioteca, ou nas palavras de Florence, o “santuário”, tornou-se o seu lugar preferido da casa, conforme se lê no fragmento a seguir: “eu me enfiava na biblioteca, enterrando-me naquele coração frio que mais e mais se transformava em meu verdadeiro lar” (HARDING, 2010, p. 21). Esse espaço da biblioteca com os objetos livros que foram encontrados pela garota passaram, então, a representar um novo sentido para a sua vida, fazendo-a distrair-se dos dias monótonos que levava na grande *Bliethe House*. Neste contexto, Petit (2013) afirma o seguinte:

o que a biblioteca e a leitura oferecem é precisamente isto: um espaço real e metafórico onde a pessoa se sente suficientemente protegida para poder ir e vir livremente, sem perigo, para se abandonar à fantasia e ter a mente em outro lugar. A biblioteca oferece um espaço e propõe objetos, objetos culturais, de que podemos nos apropriar, que podemos provar (PETIT, 2013, p. 69).

Para além desse espaço da biblioteca, Florence torna seu quarto um “abrigo secreto” para os livros e fala que “passava horas e horas lendo, e como minhas ausências, embora despercebidas durante o dia, seriam notadas à noite, meu quarto tornou-se um depósito de livros” (HARDING, 2010, p. 15). Assim, a personagem torna também seu quarto nesse espaço

íntimo para a prática de leitura, e nele se entretém durante a apropriação das palavras e dos sentidos que vai construindo ao longo dos textos lidos.

De acordo com Petit (2013), os espaços construídos pelos sujeitos leitores “não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito” (PETIT, 2013, p. 43). Nesse sentido, os espaços leitores são modos de escapes “reais” às situações em que parece não existir nenhuma saída. Também a ação leitora é uma elaboração em que o sujeito se posiciona perante a si próprio e ao mundo.

Outro exemplo desse espaço íntimo construído por meio da leitura literária pode ser encontrado na narrativa da personagem Liesel, que dispõe de dois locais para partilhar desses momentos de leitura: a casa do prefeito e o porão de sua casa. Durante a ida da garota à casa do prefeito (quando vai levar as roupas que sua mãe lavava e passava), Liesel se deparara com uma biblioteca que a deixa deslumbrada. Comprova-se a sua paixão pelos livros e pela biblioteca da casa do prefeito, a partir do seguinte fragmento:

a sala foi encolhendo sem parar, até a menina que roubava livros pôde tocar nas estantes, a poucos passinhos de distância. Correu o dorso da mão pela primeira prateleira ouvindo o arrastar de suas unhas deslizar pela espinha dorsal de cada livro. Soava como um instrumento, ou como as notas de pés em correria [...] passou vários minutos olhando das estantes para os dedos, e de novo para as prateleiras [...] andou até o começo e fez tudo de novo, dessa vez mais devagar, com a mão virada para frente, deixando a palma sentir o pequeno obstáculo de cada livro. Parecia mágica, parecia beleza, enquanto as linhas vivas de luz brilhavam de um lustre [...] *eram perfeitos demais* ((ZUSAK, 2010, p. 123, grifos do autor).

Nota-se que a menina que roubava livros se extasiou com o espaço da biblioteca da casa do prefeito, e detalha, conforme citação, que “parecia mágica, parecia beleza [...] *eram perfeitos demais*”. Observa-se que o contato físico de Liesel com os livros, com as estantes, com as prateleiras faz toda a diferença no seu processo de construção como leitora. A princípio, ela adentra o espaço sem a permissão de ninguém da casa, rouba um livro e o esconde para seu deleite de leitura. Depois, Liesel é pega cometendo essa “infração” pela primeira-dama, mas, mesmo assim, a mulher permite que ela realize suas visitas à biblioteca para ler os livros: “Liesel sentava-se com uma pequena pilha de livros ao seu lado e lia alguns parágrafos de cada um, tentando decorar as palavras que não conhecia, para perguntar ao pai quando chegasse em casa” (ZUSAK, 2010, p. 133). Dessa maneira, a atração da jovem pelos livros tornava-se cada dia mais forte.

Durante a narrativa, Liesel demonstra esse apego com a leitura; mesmo diante de algumas dificuldades com as palavras, a garota tem sede de ler. Desde o primeiro livro, o prazer pelo ato de ler é enorme, conforme relata na passagem que “ela sentira um desejo repentino de

lê-lo, que nem sequer tentara entender. Qualquer que fosse a razão, sua ânsia de ler aquele livro era tão intensa quanto qualquer ser humano de dez anos seria capaz de vivenciar” (ZUSAK, 2010, p. 60).

Nas leituras feitas pelo pai, “os olhos o alcançavam e agarravam, à espera de alguma coisa, de qualquer coisa que lhe saísse dos lábios” (ZUSAK, 2010, p. 60). Na medida que o pai realizava as leituras, ia proporcionando à jovem um contato mais direto com a leitura, ajudando na pronúncia de palavras e, pouco a pouco, Liesel foi se envolvendo e encantando-se pelo processo de aprendizagem e minúcia que, “na escuridão, Liesel manteve os olhos abertos. Estava vendo as palavras” (ZUSAK, 2010, p. 62).

Para Petit (2008), “a leitura é da ordem da obscuridade da noite. Mesmo quando lemos em pleno dia, ao ar livre, se faz noite ao redor do livro [...] ‘ler é estar em outro lugar, ali onde eles não estão, em outro mundo [...] é criar cantos de sombra e de noite em uma existência submetida à transparência tecnocrática” (PETIT, 2008, p. 40, grifos do autor). Outra personagem importante no processo de construção leitora de Liesel foi Max Vandenburg, um judeu, filho de um amigo de Hubermann, que durante um tempo esteve escondido no porão da família. Liesel e Max tornaram-se grandes amigos, ela frequentava rotineiramente o porão para compartilhar com ele momentos de exercícios de leitura:

cada vez mais, Liesel fechava os olhos e pedia a Max que lhe fizesse perguntas sobre as palavras que ela errava continuamente, e xingava quando estas ainda lhe escapavam. Depois punha-se a pintar de pé e pintava essas palavras na parede, em qualquer lugar, até doze vezes (ZUSAK, 2010, p. 223).

Para retribuir o carinho de Max, levando em consideração as condições de fugitivo em que ele se encontrava, a jovem sempre lhe dava notícias do mundo lá fora, conforme lê-se no fragmento a seguir:

ela não conseguia empanar a sensação de vitória, toda vez que encontrava um *Expresso Molching*, ou qualquer outra publicação. Achar um jornal era um bom dia. Se era um jornal que não havia feito as palavras cruzadas, era um grande dia. A menina voltava para casa, fechava a porta e o levava lá embaixo para Max Vandenburg (ZUSAK, 2010, p. 222).

Max e Liesel eram conectados pela leitura. Essas experiências compartilhadas entre eles nesses contextos críticos permitiam, sobretudo, a construção de sentido para preencher os vazios existentes em suas vidas. As visitas de Liesel fizeram com que ele se sentisse mais interessado na vida [...] quando Max ficava só, sua sensação mais clara era a de estar desaparecendo” (ZUSAK, 2009, p. 224). Para a personagem Max, as leituras compartilhadas

por Liesel era uma forma de salvação enquanto ele estava escondido dos alemães por causa da guerra. De acordo com Petit (2010):

uma oportunidade de se distanciar do real e de sua própria situação, esperando que ela lhes levasse para ‘fora do mundo’ [ou] que lhes mantivesse ‘dentro do mundo’. A leitura de jornais e períodos era então a mais apreciada, seja porque a leitura de ‘notícias’ sancionava essa necessidade de sentir parte de uma comunidade [...] uma busca de reintegração (PETIT, 2010, p. 18-19).

Nesse sentido, a autora aponta para as oportunidades de se criar outros mundos (fora e dentro). Assim, a leitura faz parte de formar uma comunidade de leitores e pode estar a favor de uma reintegração dos sujeitos na sociedade. Além disso, o vazio que ocupava a vida de Max era preenchido a partir das leituras de Liesel. Os dois “eram unidos pela reunião silenciosa das palavras” (ZUSAK, 2010, p. 222). No período em que Max adoeceu, Liesel realizava leituras para ele no intuito de que sua saúde fosse restaurada: “todos os dias, Liesel lia dois capítulos do livro [...] aquilo se tornou sua missão, ela oferecia *O carregador de Sonhos* a Max como se as simples palavras pudessem alimentá-lo” (ZUSAK, 2010, p. 289-290, grifos do autor). Diante disso, é possível perceber o poder da leitura tanto para Liesel como para Max, era uma leitura que cura, que liberta e que faz (re)viver. Verifica-se, desse modo, o quanto os livros lidos:

ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo à distância, transformar a agonia em ideia e a reencontrar a alegria: nesses contextos difíceis [encontram-se leitores felizes que sabem fazer] uso de textos ou fragmentos de textos, ou ainda de imagens, para desviar sensivelmente o curso de suas vidas e pensar as suas relações com o mundo [a leitura é uma das maneiras que permite] uma expansão das possibilidades, uma saída dos caminhos pré-moldados, um respiro (PETIT, 2010, p. 33-34).

Sendo assim, como defende Petit (2010), os livros têm um efeito de afastar dores ou medos. Eles podem ser extremamente transformadores frente a contextos de crise, de guerra, de medo e de violência. Os livros ou os textos (ou fragmentos deles) podem mudar o curso da vida das pessoas e fazer aprofundar as relações sociais, expandindo visões e crenças acerca do mundo. A leitura pode significar, ainda, uma saída para enfrentar momentos adversos, ela pode trazer um “respiro” diante das agruras da vida.

Hubermann tinha um grande orgulho de Liesel e se emociona ao ver a filha lendo, atentamente, e “com o queixo apoiado nos joelhos, ouviu a menina a quem lutara para ensinar o alfabeto. Lendo orgulhosamente.” (ZUSAK, 2010, p. 285). A família de Liesel viveu dias conflituosos e de muitos medos na Segunda Guerra Mundial. Por ser uma família judia, eles precisaram sair de sua própria casa para irem se esconder no porão da família Fiedler. Permaneceram lá até que os bombardeios cessassem e mesmo nesses momentos “Liesel

carregava seus livros entre os braços e as costelas” (ZUSAK, 2010, p. 326). Para ela, os livros eram seus bens mais preciosos.

Liesel, no momento dos bombardeios realizava leituras no porão (que servia de abrigo aos ataques aéreos) e todos que ali estavam se escondendo a ouviam atentamente. Assim, a leitura foi, para Liesel e para todos que estavam naquela situação horrível, um modo de sobreviver à adversidade. E, mesmo diante da aflição as leituras, envolviam os participantes daquele ato de ler. A seguir, há um trecho da obra que demonstra esse reconfortar com por meio da leitura:

e para se reconfortar, para isolar a algazarra do porão Liesel abriu um dos seus livros e começou a ler [...] e em pouco tempo uma quietude começou a ecoar pelo porão apinhado [...] todos estavam calados menos Liesel [...] uma voz tocava as notas dentro dela. Este é o seu acordeão, dizia [...] via apenas a mecânica das palavras – seus corpos presos ao papel achatados para lhe permitir caminhar sobre eles (ZUSAK, 2010, p. 332-333).

Os momentos de leitura foram tão prazerosos para o grupo que se escondia no abrigo, que Liesel recebeu convites para leituras “– tenho uma oferta para você. – Gostei daquele livro que você leu no abrigo. – Por isso quero que você vá até a minha casa e leia para mim” (ZUSAK, 2010, p. 336). O ato de ler produziu significação para a vida de outras pessoas também.

O processo de leitura e de escrita da jovem Liesel tomara grandes proporções. E durante uma nova concentração no abrigo, “todos se acomodaram solenemente e aguardaram [...] ela abriu o livro e, mais uma vez, as palavras abriram caminho para todos os presentes no abrigo” (ZUSAK, 2010, p. 282). No entanto, a guerra acabou destruindo muitas famílias, dentre essas a de Liesel, pois os pais perderam a vida num ataque aéreo, e a única sobrevivente da família é Liesel. A garota sobreviveu ao bombardeio, pois no momento da explosão ela se encontrava no local onde se sentia mais segura:

estava sentada num porão, lendo a história de sua própria vida, verificando os erros [...] um eco lá embaixo, em algum lugar, uma menina martelava com o lápis uma lata de tinta. Todos pararam, com os corpos e olheiras recurvados e ao ouvirem de novo começaram a cavar [...] quando mais um pedaço da parede partida foi retirado, um deles viu o cabelo da menina que roubava livros [...] continuava apertando o livro. Continuava desesperadamente agarrada às palavras que lhe tinha salvado a vida (ZUSAK, 2010, 342-343).

Liesel salva a própria vida em razão de sua grande paixão pelos livros. A imagem da menina agarrada ao livro simboliza o poder da literatura, aliás, é uma imagem de impacto na narrativa e na cabeça do(a) leitor(a). De acordo com Petit (2013):

[...] o livro permite recuperar o sentimento da própria continuidade e a capacidade de estabelecer laços com o mundo. Também é um depósito de energia, e como tal, pode nos dar força para passarmos a outra coisa, para irmos a outro lugar, para sairmos da imobilidade. Ele alimenta a vida (PETIT, 2013, p. 79).

Ao estabelecer a função de revitalização do sujeito após a leitura, Petit (2013) possibilita duas reflexões. A primeira, que as narrativas não se finalizam com o término de uma experiência literária, posto que a experiência é, por si só, permanente na existência do sujeito. Em vista das particularidades da leitura literária, fica evidente como cada leitura atinge em maior ou menor grau cada indivíduo leitor. Nessa continuidade, não é inviável compreender a permanência da narrativa, mesmo após a finalização do uso do objeto literário – o livro.

A segunda reflexão, por sua vez, é voltada para o referido objeto literário. Se Petit (2013) considera o livro como uma ferramenta que propicia a movimentação do sujeito, é necessário pontuar que essa não é uma cinesia que se dá em uma única direção. Tanto o significado do texto quanto a assimilação do seu conteúdo literário demandam a interferência de um sujeito: o leitor. É apenas por meio da integração entre o leitor, o conteúdo e o objeto que esses três elementos podem, por fim, sair da imobilidade.

4.2 A escrita como uma perspectiva de resistência

A escrita é uma necessidade de comunicação humana. Para quem enfrenta contextos de adversidades, pode ser um modo de reconstrução psíquica, segundo salienta Marta Magalhães dos Santos (2012):

vários estudos apontam no sentido de que a escrita, em grande parte dos casos, potencia um efeito positivo no estado psicológico do sujeito. As emoções positivas e agradáveis tendem a intensificar-se e as negativas a dissiparem-se [...] sobretudo quando a escrita é dirigida a si mesmo (SANTOS, 2012, p. 27)

Dessa maneira, como afirma a autora, o ato de escrever sobre “si mesmo” pode contribuir grandemente nos enfrentamentos de traumas ou de estados psicológicos prejudicados, resistindo aos conflitos pela escrita de si. É encontrar outros modos de existir, fazendo dissipar as emoções negativas.

O efeito reparador da escrita pode ser constatado na vida de Anne Frank, do livro *O Diário de Anne Frank* (2019), em que a personagem demonstra como a escrita salvou sua vida. A garota descreve o seu dia a dia (implicado em um contexto terrível de guerra e de perseguição) em um diário que havia ganhado antes de precisar se esconder com a família em um anexo

secreto. Nesse diário, Frank relata vários momentos de angústia, de medo, de insegurança, e de pânico etc., causados pela guerra. Todo este cenário de caos a afetava profundamente, pois precisava se esconder e viver todas as emoções transitórias de adolescente, até mesmo o amor sentido em meio à vida difícil no convívio com outra família de judeus, dentro de um esconderijo muito pequeno.

À princípio, a escrita de Frank era direcionada a relatar coisas comuns, por exemplo, acontecimentos da escola, a relação com a família e com os amigos. No entanto, a escrita de Frank muda completamente, quando ela vislumbra a possibilidade de ser publicada:

certo dia de 1944, *Gerrit Bolkestein*, membro do governo holandês no exílio, declarou em transmissão radiofônica que, depois da guerra, esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do povo holandês sob ocupação alemã e que estes pudessem ser postos à disposição do público. Referiu-se especificamente a cartas e diários (FRANK, 2019, p. 7).

Frank ao ouvir no rádio que testemunhos (cartas e diários) de guerra seriam recolhidos para publicação póstuma à guerra, viu uma oportunidade de publicar seu diário em forma de livro. Por isso, Anne escreveu o texto de 12 de junho de 1942 até 1º de agosto de 1944, última data registrada em seu diário. A jovem judia, após ouvir a notícia que seriam publicados testemunhos, reorganizou e tornou seus escritos mais elaborados e abordando os assuntos tratados com mais profundidade, retirando partes que não considerava interessantes e descrevendo aspectos de sua memória e, ao mesmo tempo, Anne escrevia também seu diário original (FRANK, 2019).

A primeira anotação de Frank no dia 12 de junho de 1942 já demonstrava o quanto o diário seria uma fonte de segurança e o quanto seria importante tê-lo em sua vida. Pode-se observar esse efeito reparador do ato de escrever no seguinte fragmento: “espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda” (FRANK, 2019, p. 11). Nesse sentido, a escrita, para Frank era um refúgio e uma fonte de conforto e ajuda.

Ela chamava seu diário de “Kitty”, os registros tornaram-se sua fonte de desabafo íntimo. Constata-se que o interesse da jovem judia de 13 anos pela escrita se deu desde a sua infância, por exemplo, no episódio da sua vida, em que ela recebeu vários presentes de aniversário: “buquê de rosas, blusa azul, um quebra-cabeça etc., mas dentre estes, destaca que o diário foi um de seus ‘melhores presentes’, e aquele cujo ela primeiro viu. (FRANK, 2019, p. 14). O diário torna-se uma possibilidade de falar de si mesmo.

Para Anne, o ato de escrever era, de certo modo, um meio de ser eternizada, mesmo tendo em mente que talvez ninguém teria interesse em seus relatos, Frank confessa:

fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal (FRANK, 2019, p. 18).

Sendo lida ou não, ela tinha um diário, que era um modo de ressignificar a sua vida, era o seu instrumento de liberdade: “tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo que está preso em meu peito” (FRANK, 2019, p. 18). Conforme afirma Maurice Blanchot (2005), “escrever cada dia sob a garantia desse dia, é para lembrá-lo a si mesmo, é uma maneira cômoda de escapar ao silêncio [...] cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado” (BLANCHOT, 2005, p. 273). A escrita, nessa concepção de Blanchot (2005), torna-se um instrumento de existência, de registro de si, de se sentir viva, de resistir. Para Aremys Nascimento Santos (2012) escrever também “permite que o sujeito tenha a oportunidade de melhorar a sua capacidade de autoanálise, de distanciamento das situações e emoções com vista a uma reflexão mais sólida. Ao experimentar esta sensação de controle, o indivíduo começa a conhecer-se melhor” (SANTOS, 2012, p. 27).

Nesse sentido, Anne, ao escrever, tem o poder de conhecer a si mesmo, além de compreender sobre os momentos de caos que ela enfrenta externamente. O diário era um instrumento tão importante para ela que, ao saber que iria para um esconderijo, um dos primeiros itens a que a garota recorre para levar ao anexo é seu diário, pois, para ela, os seus escritos e suas memórias eram mais significativos do que qualquer outra coisa. Frank diz:

Margot e eu começamos a pôr nossos pertences mais importantes numa pasta da escola. A primeira coisa que agarrei foi este diário e, depois, rolinhos de cabelos, lenços, livros da escola, um pente e algumas cartas antigas. Preocupada com a ideia de ir para um esconderijo, juntei as coisas mais malucas na pasta, mas não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos (FRANK, 2013, p. 33)

O valor sentimental destinado à “Kitty” deve-se ao fato de que “o papel [tinha] mais paciência do que as pessoas” (FRANK, 2019, p. 19). Isto é, no papel, Anne poderia falar sobre tudo que a deixava feliz, ou tudo que a incomodava, ou tudo que a deixava triste, ou tudo que a fazia ficar com raiva, ou tudo que a deixava com medo etc. O ato de escrever permitia a Anne saber muito sobre ela mesmo, sobre seus interesses, seus receios e conhecer espaços que ela própria desconhecia ou pouco havia explorado e expressado. Talvez seja por isto que Frank se

sentisse confortável para escrever em seu diário. Ela “escrevia com desenvoltura e falava das características das pessoas de forma observadora, com uma percepção rara, incomum para alguém de sua idade” (SANTOS, 2020, p. 166).

Anne registrou em seu diário os momentos duros que os alemães impuseram aos judeus na Segunda Guerra Mundial. Eles tiveram as suas liberdades restringidas, por exemplo; os judeus eram proibidos de andar nos bondes, ou nos seus próprios automóveis, havia horários estabelecidos para as compras, foram privados de ter uma vida social, foram proibidos de terem quaisquer tipos de diversões, por exemplo, ir ao teatro, ao cinema, à praia, entre outros (FRANK, 2019). No diário, Frank descreve os seus sentimentos de estar escondida no anexo: “era como estar de férias em alguma pensão estranha” (FRANK, 2019, p. 40).

Para a garota, todo aquele silêncio do esconderijo a deixava nervosa. O diário de Anne Frank revela como era difícil uma adolescente ativa de 13 para 14 anos, que gostava de viver em meio à sociedade, interagindo com seus colegas, ter que ficar em um anexo presa, longe de tudo e de todos. Por isso, no intuito de refugiar-se de toda tristeza e angústia, Frank recorria sempre ao seu diário e, conforme ela mesma afirma, “gostaria de passar todo o tempo escrevendo, mas isso provavelmente acabaria sendo monótono” (FRANK, 2019, p. 44). Sobre essa necessidade de escrever ou de elaborar uma narrativa, Petit (2010) assevera que é:

particularmente intensa em certos momentos da nossa existência individual ou coletiva, quando de uma depressão ou uma crise, por exemplo. A narrativa fornece um recurso quase único. [E trabalha] para a reconstrução do indivíduo [sublinhando] a importância [...] de tecer uma narração a partir de experiências descosturadas dando-lhes sentido, coerência, quanto de exprimir suas emoções diferentemente e compartilhá-las (PETIT, 2010, p. 127).

Nessa perspectiva, a autora tematiza que as emoções podem ser expressas pela escrita e pela elaboração de narrativas. Diante disso, aos eventos conflituosos, Frank sempre recorria a “Kitty”, sua amiga que era “sempre paciente” com ela. Confiava, inclusive, à “amiga” seus maiores segredos, como é o caso de acontecimentos que não contava nem mesmo para a sua irmã. Anne relata: “o que não escrevi para Margot, mas que vou confessar para você, querida Kitty” (FRANK, 2019, p. 44). Conforme salienta Santos (2012), a escrita é:

uma forma de expressão emocional com características que se podem revelar reparadoras [...] “a expressão escrita sobre experiências adversas pode ajudar os indivíduos a reorganizar e assimilar estas experiências”. Neste sentido, a literatura sugere que os indivíduos que confrontam as suas experiências traumáticas através da escrita, pensando sobre elas e explorando os sentimentos que estas induzem, adaptam-se melhor a acontecimentos indutores de *stress*” (SANTOS, 2012, p. 30, grifos do autor).

A escrita pode recuperar muitas situações de *stress*, reorganizar a subjetividade dos sujeitos, desencadeando emoções e experiências diversas. Petit (2010) ressalta que a “escrita contribui nessas experiências para uma melhoria da autoestima e uma saída da posição de vítima” (PETIT, 2010, p. 225-226). Mesmo em momentos mais difíceis “Anne pode ter encontrado, na escrita, um mecanismo que fizesse com que ela se mantivesse sempre ‘à superfície’” (SANTOS, 2012, p. 32).

Frank sempre ressalta que “o fato de escrever [a] levantou um pouco ‘das profundezas do desespero’”. (FRANK, 2019, p. 176-177). Para ela, escrever era “uma forma de poder exprimir os seus sentimentos, ideais, valores e opiniões [...] o papel serve para a jovem escritora, como catalisador neste processo de crescimento de autonomia, opinião própria e sensação de independência” (SANTOS, 2012, p. 31).

O processo da escrita proporciona, para Anne, um sentimento de liberdade e de alívio às suas dores, além de uma abertura a novos caminhos, como ela mesma descreve: “escrever me permite registrar tudo, todos os meus pensamentos, e meus ideais e minhas fantasias” (FRANK, 2019, p. 279). Além disso, Frank afirma que escrever era a melhor coisa que poderia acontecer em sua vida: “a melhor coisa é poder escrever todos os meus pensamentos e sentimentos; do contrário, iria me sufocar” (FRANK, 2019, p. 247). Para a jovem judia, o seu vazio precisava ser ocupado e para que isso acontecesse ela depositava seus sentimentos em Kitty. Santos (2012) afirma que:

no ato de criar a partir da escrita, Anne é capaz de se aproximar do seu mundo interno, de falar sobre as suas emoções e pensamentos e estender a sua comunicabilidade a conteúdos próprios e intrínsecos, organizando-os. A jovem escritora acaba por criar o seu espaço naquele Anexo. Um espaço para ser ela própria. Esse espaço é criado pelo diário (SANTOS, 2012, p. 33).

Essa facilidade de comunicação por meio da escrita ocorria até em diálogos com a própria família. Como, por exemplo, em uma ocasião em que troca cartas com sua irmã Margot, e diz a ela que “se houver alguma coisa que você ainda queira conversar, por favor, escreva, porque para mim é mais fácil dizer no papel o que desejo do que cara a cara” (FRANK, 2019, p. 257). Nesse sentido, a escrita é fonte de inspiração e um meio de demonstração de seus sentimentos. Segundo Santos (2012), “diversos são os autores que consideram que ‘expressar sentimentos e pensamentos acerca de uma situação difícil para o sujeito, ou mesmo traumática, pode trazer benefícios à saúde física e mental’” (SANTOS, 2012, p. 30).

Os traumas que Frank vivenciava no anexo eram postos à tona por meio da escrita, porque escrever era uma das melhores formas de a menina compreender aos outros e a si

própria. Além disso, a escrita para Frank estava muito além de uma mera diversão ou um passatempo, seu desejo era tornar sua escrita como algo mais significativo, queria ser uma jornalista.

A jovem sabia de seu potencial e, por várias vezes, relata isso a Kitty: “eu sei que posso escrever. Algumas de minhas histórias são boas, minhas descrições do Anexo Secreto são bem-humoradas, boa parte do meu diário é vivo e interessante” (FRANK, 2019, p. 278). Segundo ela, é no instante em que se escreve que se tem a proporção da magnitude do mundo da escrita. Mesmo que se não obtivesse êxito enquanto escritora, ela não pretendia deixar de lado a escrita “e, se não tiver talento para escrever livros ou artigos de jornal, sempre posso escrever para mim mesma” (FRANK, 2019, p. 279).

O processo de escrita para Frank, estava permeado de autonomia e de alívio às suas preocupações e dores: “quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce!” (FRANK, 2019, p. 279). Mesmo diante de tanta adversidade, a adolescente vivia consigo mesma e com as diferentes dificuldades encontradas no seu cotidiano em conviver junto com famílias diferentes. No anexo secreto, a garota sempre esteve apegada aos livros, à leitura. Relata que era “louca por leitura e por livros” (FRANK, 2019, p. 280). Frank tinha esperança de que tudo daria certo, escrever era sua fonte de refúgio: “e vou em frente, com o espírito renovado. Tudo vai dar certo, porque estou decidida a escrever!” (FRANK, 2019, p. 279). Assim, a escrita dava esperança para ela.

Apesar de ser somente uma garota de 13 anos, Frank estava à frente do seu tempo e se descreve como uma adolescente que encarava a vida de modo extraordinário e com muita coragem: “sinto-me forte e capaz de suportar fardos jovem e livre” (FRANK, 2019, p. 362). Com uma boa desenvoltura e expectativas para o futuro, Anne revelava o sonho de se tornar uma grande escritora e jornalista: “meu maior desejo é ser jornalista, e mais tarde uma escritora famosa [...] depois da guerra, eu gostaria de publicar um livro chamado “O Anexo Secreto” [...] meu diário pode servir de base” (FRANK, 2019, p. 326).

A escrita de Anne (2019) contém, simultaneamente, uma parte dos seus desejos e uma parte do contexto, no qual a garota está inserida. É interessante notar como o processo de escrita, ainda que se trate de um relato real, não está isento de fantasias e/ou de viver diferentes possibilidades psíquicas. O lúdico é, nesse contexto, uma expressão de um ser subjetivo através da literatura. Somado a isso, há um processo de autoconhecimento da autora: o que é e o que gostaria de ser não somente estão presentes ao longo da narrativa, mas são essenciais para o seu desenvolvimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura passa por constantes mudanças, inserindo valores, adaptando linguagens e evoluindo sem perder a sua perspectiva de abrir espaço para muitos mundos possíveis. Os clássicos se mantêm, mas novos conceitos são adicionados, quando os livros são lidos por outras gerações. Assim como a educação passou a ser cada vez mais valorizada e reconhecida como importantíssimo instrumento de formação do ser humano, a literatura tem ocupado seu espaço na vida escolar e fora dela. Além disso, a literatura faz os sujeitos lidarem com a condição humana em diferentes perspectivas, sendo representada, muitas vezes, por meio de obras literárias que contribuem de forma reflexiva para a superação das adversidades e compreensão da sociedade.

Ainda que a literatura não queira ensinar, ela aciona diferentes saberes e poderes, e ainda traz/oferece conhecimentos linguísticos. O livro por mais desprezioso que seja pode configurar ao leitor vários sentidos que auxiliam os sujeitos a atingir o prazer afetivo e estético. A literatura também deixa entrever e assimilar ao mesmo tempo informações concernentes ao “real”, que porventura estejam contida numa obra.

Também, a leitura e a escrita literária permitem aproximar o ser humano do mundo e de si mesmo. Com seus diferentes pontos de vista, a literatura e seu possível caráter humanizador, permite auxiliar e aprofundar afetos e estados psíquicos, como, por exemplo, quando a leitura e a escrita se tornam uma forma de resistência às adversidades, ou a cenários conflituosos. A literatura recria a realidade, proporciona fantasia e diferentes contextos necessário à vida humana. Também o ato de ler e/ou de escrever designa a capacidade de refletir, de aprender, de associar, de conectar as coisas. Deste modo, a leitura e a escrita literária colocam o ser humano em contato com sua subjetividade.

Neste estudo, mediante às obras analisadas, vê-se como pode se dar a prática da leitura e da escrita, a partir de exercícios de autoconhecimento que proporcionaram as três personagens a oportunidade de reconhecerem-se. Ainda, observa-se a construção de uma subjetividade mais autônoma que privilegia a leitura e a escrita como modos de suportar as dores/os sofrimentos oriundos dos contextos que as cercam. Tal processo resultou às personagens uma liberdade crítica em que foram capazes de fortalecer o conhecimento de si mesmo para com o mundo. Esses fatos são notórios a partir de uma análise que coloca em evidência fragmentos marcantes e constitutivos de uma personalidade notável, crítica e autêntica.

Nesta concepção, este trabalho tratou de três romances que possuem características similares quanto ao assunto leitura e escrita, mas cada uma contendo as suas singularidades. As

obras assemelham-se, primeiramente, pelo fato de terem como protagonistas personagens com a mesma faixa etária, depois, por enfrentarem períodos conturbados cheio de adversidades e, por último, justamente por encontrarem na leitura e na escrita um modo de se sobressaírem e de (re)construírem-se em meio à crise. Cada personagem a seu modo, deixa evidente que a sobrevivência e as esperanças atravessam os atos de ler e de escrever. As obras postas em análise, contêm sentidos significativos para os leitores, permitindo a esse(a)s reflexões profundas sobre as ações e emoções humanas, por exemplo, como lidar com o medo, com a morte? A coragem, a esperança, os enfrentamentos que as guerras impõem aos seres humanos, tantos sentimentos conturbados, as doenças, as situações de fragilidade e/ou de vulnerabilidade. Tudo isso a literatura exprime em sua estética artística.

Com base nessas noções, as análises construídas ao longo do trabalho, apontam que a leitura e a escrita foram muito significativas para o desenvolvimento das personagens. Em *A menina que roubava livros* (2007), percebe-se a evolução intrínseca a qual passa Liesel. Ela sobreviveu a todos os flagelos causados pela guerra, sendo fortalecida pelo seu amor aos livros e principalmente, às palavras, que além de tudo, foram instrumento para que pudesse compreender a si mesma e ao mundo. Já para Florence, protagonista de *A menina que não sabia ler* (2010), observa-se o processo de alfabetização e letramento que ocorre de modo autodidata. A garota se constitui leitora a partir do seu contato com os diferentes níveis de texto encontrados na biblioteca a qual era privada de frequentar. Obrigada a reinventar seus próprios espaços íntimos, Florence encontra na leitura algo muito além da ampliação do seu vocabulário. Ela sobrevive entre fantasias, ora está no mundo “real”, ora no seu mundo “imaginário” proporcionados pelo ato de ler. Por último, em *O diário de Anne Frank* (2019), verifica-se o quanto a escrita exerce em sua vida um refúgio. Para Anne, escrever era um reconfortar-se dos momentos difíceis pela qual passara. A capacidade de reconhecer suas emoções por meio da escrita, permitia a ela dá significado ao que sentia sem ser criticada e sem julgamentos, funcionando como um instrumento de liberdade que a possibilitava sonhar e, ao mesmo tempo, criar um espaço para si mesma dentro do Anexo.

Sendo assim, a partir de determinadas leituras literárias, os significados do mundo se expandem e as experiências com o mundo também. A literatura pode auxiliar nas autodescobertas que cercam uma própria subjetividade. Mesmo que ler e escrever comportem elaborações complexas, estes atos proporcionam sempre uma “nova” visão de mundo, e, conseqüentemente, uma (res)significação do eu interior e/ou da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. **Escrita e leitura**: a produção de subjetividade na experiência literária. 2007. 225f. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2007_5dbeb414a42fc3d8b43abd4a9d0f7af0.pdf>. Acesso em: 18. Jun. 2021.

ARRÁEZ, Morella; CALLES, Josefina; MORENO, Liual. Hermenêutica: atividade interpretativa. **Sapiens. Revista Universitaria de Investigación**. Caracas, Venezuela, v. 7, n. .2, p. 171-181, 2006. Disponível em: <<http://ve.scielo.org/scielo.php?pid=S1317-58152006000200012&script=sciabstract>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

BAHIENSE, Raquel. **Comunicação escrita: orientações para redação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: _____. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRIZOTTO, Bruno; BERTUSSI, Lisana Teresinha. Hans Robert Jauss e a hermenêutica literária. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 735-752, 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/14889/11287>>. Acesso em: 22 mar. 2020.

CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos Ribeiro *et al.* **Direitos Humanos e...** São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

_____. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus Editora, 2004a.

_____. **Literatura e sociedade**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DE LA MAZA, Luis Mariano. Fundamentos de la filosofía hermenéutica: Heidegger y Gadamer. **Teología y Vida**, Santiago, v. 46, n. 1-2, p. 122-138, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492005000100006>. Acesso em: 22 mar. 2020.

FERRARIS, Maurizio. **Historia de la Hermenéutica**. Madri: Ediciones Cristiandad, 2004.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. 62^a. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5^a. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HARDING, John. **A menina que não sabia ler**. São Paulo: Leya, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

JAUSS, Hans-Robert. **Experiencia estética y hermenéutica literaria**. Madrid: Taurus, 1979.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3^a. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LACAPRA, Dominick. **História e Crítica**. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7^a. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade: sujeito e escritura em processo**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

SANTOS, Marta Magalhães dos. **Um olhar sobre “O diário de Anne Frank”**. 2012. 69f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2607/1/14668.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SANTOS, Aremys Nascimento. O Diário de Anne Frank: literatura e turismo cultural entrelaçados nos lugares de memória. **Rev. Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. (RICS)**. São Luís, v. 6, n. 1, p. 164- 172, 2020. Disponível em: <<http://www.periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/13919>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica: arte e técnica de interpretação**. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SUAREZ, Juan Camilo. Hermenêutica: una vía para la comprensión del poema. **Revista Coherencia**, Medellín, v. 8, n. 15, p. 219-236, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/774/77421563009.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Da infância à ciência: língua e literatura. **Revista na Ponta do Lápis**. São Paulo, ano VII, n. 16, p. 22-23, 2011. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/4698/npl16.pdf>>. Acesso em: 25, mar. 2019.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.